

Julho a Setembro de 1912

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

Proprietaria e editora a Associação

Commissão redactora: — Ascensão Valdez, A. Lamas, Rocha Dias

A responsabilidade dos escriptos publicados neste boletim pertence exclusivamente aos seus auctores.

«A Associação dos Archeologos Portuguezes, absolutamente estranha a qualquer partido politico, tem como fim exclusivo da sua existencia guardar as preciosidades archeologicas e artisticas, sejam ellas de que natureza forem, disseminando por toda a parte e por todas as fórmas, o amor da archeologia e da arte.»

Anotações artisticas e archeologicas

(Continuado do n.º 10, pag. 450)

A Torre de Belem

Bem sabemos que é mais facil commetter um erro do que reparar uma falta, mas nem por isso deixaremos de juntar mais uma vez o nosso brado ao côro que na imprensa se está levantando contra o gazometro que escurece e afeia, numa suja e torpe visinhança, a historica e monumental Torre de Belem.

Nos annaes do vandalismo artistico não conhecemos attentado que se lhe possa comparar, e muito mais nos pesa que ande ligado a este facto o nome dum cavalheiro, cujo talento e dotes pessoaes sômos os primeiros a respeitar. Bem se diz que os mais altos espiritos estão sujeitos a aberrações e que a nodoa tambem cae no mais fino panno.

O mal, porém, está feito e não se lucra nada em estar com retalições e com ajustes de contas atrazadas. O que importa agora é alvidrar os meios de mais facilmente o remediar, procu-

rando, sem oneroso gravame, apagar esta vergonha nacional. Não poderiam o municipio e a companhia do gaz chegar sobre este ponto a um accordo decoroso, sem que nenhuma das partes ficasse sensivelmente lesada?

Eis o ponto sobre que principalmente deve versar a questão e se o municipio conseguir realisar alguma cousa neste sentido, terá resgatado condignamente a culpa ou antes o crime commetido por uma das vereações transactas.

A Torre de Belem merece toda a veneração e todo o respeito, porque é certamente um monumento unico no seu genero, tanto pelo lado militar, como pelo lado architectonico. Possuimos ainda grande numero de castellos medievaes, alguns delles bastante arruinados, outros ainda arrogantes na sua fresca velhice, mas todos elles se podem reduzir quasi que ao mesmo typo.

O de Almourol, por exemplo, tem a saliental-o a sua posição pittoresca no Tejo. Os outros alcandoram-se no vertice dos montes sobranceiros ás povoações e servem apenas de enfeite scenographico — mas que deliciosa scenographia! Afóra os castellos medievaes têmos tambem, profusamente espalhadas pelo paiz as fortalezas do systema Vauban, grande numero das quaes datam das guerras com a Hespanha depois da restauração.

A Torre de Belem não tem comtudo outro exemplar que lhe sirva de confronto. Se o mosteiro que lhe fica proximo leva a primasia pela sua grandeza, a Torre em compensação tem sobre elle uma grande vantagem: é estar completa e quasi intacta, sem remendos que a deturpem. Dir-se-ia que as Tagides a inventaram e que brotou um dia á flôr da agua, como um sonho artistico de naiades, numa formosa madrugada, num daquelles dias de gloria em que aportavam ao Tejo as caravellas de Bartholomeu Dias, de Vasco da Gama e de tantos outros navegadores celebres.

Dá-se além disso a circumstancia daquelle monumento ser obra tracejada por engenheiro portuguez. Deu o desenho della Garcia de Resende, o chronista o poeta, o instrumentista, o afugentador musical das tristezas de D. João II, o que o consolava nas suas melancolias, como fazia David com a harpa deante de Saul.

O estrangeiro que entra a barra de Lisboa, se fica impressionado com a grandeza do porto e com o marmoreo amphiteatro da cidade, uma das cousas que mais admira é o delicioso castello de

S. Vicente, que o vem receber, não como o arauto dum povo de guerreiros, mas como a embaixatriz duma côrte de fadas.

A photographia e as artes do desenho teem vulgarizado bastante a Torre de Belem, mas se ella estivesse em outro paiz, como a França, a Inglaterra e a Allemanha, muito mais generalizado se teria o seu conhecimento. Veja-se o que succedeu com a Torre Eiffel que é sem duvida um arrojado da engenharia e da industria metallurgica, mas que está longe de ter a distincção artistica do nosso monumento. Os francezes, se esta joia fôsse delles, tel-hiam reproduzido de muitas maneiras, como teem feito com a Torre Eiffel, com a columna Vendôme, e com outros monumentos seus, de que as artes industriaes se teem aproveitado ás mil maravilhas, ás vezes em objectos bem insignificantes.

Como dissemos acima, achamos hoje difficil, sem grande dispendio pecuniario, tirar o gazometro junto da preciosa fortaleza, imprpropriamente chamada manuelina, porque o seu estylo já é commum ao tempo de D. João II.

Uma esperança nos resta, ainda que longinqua, e essa depositamol-a ardentemente nos progressos que estão fazendo os diversos systemas de illuminação, sobretudo a electricidade. *Ceci tuera cela* Que a electricidade mate quanto antes o gaz, e que o gazometro, como inutil, como objecto duma archeologia repugnante, como um parasita detestavel, como um invejoso perverso, caia aos pedaços, cheio de ferrugem, cheio de lepra, carcomido, andrajoso, como tronco fulminado pelo raio de Deus!

Anathema sit!

17-9-1896.

As ruinas do Carmo

D. Nuno Alvares Pereira, o *santo condestavel*, é um dos vultos mais proeminentes da nossa historia, uma das tradições gloriosas mais incontestaveis e incontestadas. E' um heroe na verdadeira e mais lata accepção da palavra, e, como se a authenticidade dos seus feitos não bastasse, veiu a lenda envolver-lhe a fronte austera e encanecida em um nimbo de mysterio.

O vencedor de Valverde, pelos seus talentos militares, pelo seu valor pessoal, pelo ardor da sua crença, é bem uma indivi-

dualidade característica da sua época, um dos symbolos mais perfectos do mysticismo guerreiro da Edade Média. Dir-se-hia que o espirito de Joanna d'Arc animava o seu organismo vigoroso. Elle foi a alma da independencia portugueza, assim como a pastorazita da Lorena fôra a alma libertadora da França. Sem a collaboração do *condestavel*, sem o auxilio da sua invencivel espada e do seu conselho, que parecia por vezes tocar as raias da temeridade, a obra de D. João I nunca teria sido tão efficaz e venturosamente levada a cabo.

A critica historica, na sua analyse inflexivel, pretende demonstrar-nos, o que não é muito difficil, que D. Nuno não era absolutamente impeccavel, que era homem emfim, e que o desprendimento e o desinteresse não eram as suas qualidades innatas, embora no declinar da vida elle repudiasse as pompas do mundo e se fôsse refugiar, obscuro cenobita, na clausura do convento, que elle proprio edificára á sua custa, sem olhar a despezas, com um animo verdadeiramente real.

A fé patriotica e a fé religiosa fôram os dois sentimentos, que mais profundamente contribuíram para a formação do seu organismo psychologico, e por isso não é para extranhar que a patria e a religião fraternisem agora para prestar subida homenagem a um dos homens, que mais illustraram o nosso paiz e que mais direito teem ao reconhecimento nacional. Honrando-os, honramo-nos ainda mais, pois mostramos que temos a noção perfeita dos nossos deveres civicos e que sabemos erguer os olhos para o mais bello ideal da justiça.

Nesta corrente de ideias, já se vê que não contestamos, antes applaudimos calorosamente, toda e qualquer iniciativa generosa e benemerita, que tenha por fim avivar no espirito do povo o culto devido a um varão tão singular, que tantos serviços prestou á sua patria e cuja vida merece ser lembrada como ensinamento perpetuo aos que perderam confiança nos recursos e no destino da nacionalidade portugueza.

Adoptando, em principio, o programma de qualquer commemoração, mais cu menos fixa, mais ou menos duradoura, em honra do nosso heroe, já se vê que nem sempre poderemos estar de accordo nos diversos modos de realisar essa projectada apothose.

Pretende-se, por exemplo, transformar as ruinas do convento

do Carmo num pantheon consagrado ao insigne capitão, cuja espada rutilante foi o santelmo de Aljubarrota. A' primeira vista este pensamento não deixa de ser sympathico, mas parece-nos que deve ser posto de lado por inexequível. As razões, que possam militar a seu favor, são levadas facilmente de vencida pelas contrariedades e obstaculos que se lhes oppõem. O projecto, não só se nos afigura audacioso, mas até temerario, e não vêmos como elle se possa conseguir vantajosamente, tanto pelo lado financeiro, como pelo lado artistico.

A reconstrucção completa será sem duvida dispendiosissima, sendo talvez impossivel aproveitar-se confiadamente o que resta de pé, pois não offerece condições de resistencia e de segurança. Neste caso, ter-se-hia talvez de principiár pelos alicerces. Onde ir buscar os recursos para tamanha empreza?

Isto pelo que toca á parte economica. No tocante á parte artistica os embaraços não são menores nem de menos importancia. Sem duvidar dos conhecimentos e da pericia dos nossos architectos, é forçoso reconhecer que lhês falta o sentimento da época, sem o qual o corpo architectonico, por mais sabiamente construido que seja, será sempre um organismo contrafeito, sem a expressão nativa e propria.

O sopro da inspiração original desapareceu para dar lugar ao sopro da erudição imitativa.

Reconstruir é, ná maioria dos casos, profanar e por isso o protesto que o sr. conde de Sabugosa emittiu calorosamente na Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, não ficará sem éco. Esta benemerita corporação tem direitos adquiridos, que não podem ser postergados, e legal e artisticamente a sua palavra terá de ser ouvida com attenção e o seu conselho por certo fará peso na balança da equidade. Haveria talvez um meio conciliador, que harmonisasse os interesses e aspirações legitimas, sem quebra de dignidade para ninguem. Consistiria elle em a propria Associação consagrar exclusivamente uma das capellas lateraes á memoria do venerando e santo guerreiro, cuja beatificação se annuncia para proximo. Essa capella seria um museu votivo, em que se reunissem todos os objectos e recordações, que mais ou menos se prendessem com a vida do varão insigne.

Apresentamos de relance este alvitre, ao qual se poderá dar maior desenvolvimento, contribuindo para a sua realisação os que trabalham dedicadamente nesta obra, sem mira em interesses mesquinhos, sem preocupações particulares de qualquer especie.

Em todo o caso, não podemos deixar de recomendar aos poderes publicos que usem do maximo tino e prudencia, não tomando nenhum compromisso leviano e muito menos ainda qualquer resolução precipitada.

7-5-1904.

Um tumulo historico

Restos da igreja do noviciado da Cotovia

Por convite do illustrado director da Escola Polytechnica, tivemos o ensejo de vêr e admirar um rico tumulo de marmore, que está hoje armazenado, e ao desamparo, num barracão da mesma escola. Encerra elle, ou encerrou pelo menos, os ossos de Fernão Telles de Menezes e de sua mulher D. Maria de Noronha. Fernão Telles, de illustre linhagem, desempenhou os mais altos e importantes cargos; foi do conselho de estado, governador dos estados da India e do reino do Algarve, regedor da justiça, da casa da supplicação e presidente do conselho ultramarino. Elle falleceu a 26 de novembro de 1605, ella a 7 de março de 1623.

Este tumulo estava na capella-mór da igreja da Cotovia, noviciado dos jesuitas, que no tempo do marquez de Pombal foi convertido no Collegio dos nobres, sendo este, por sua vez, findas as luctas da liberdade, transformado em escola polytechnica. Quando se manifestou incendio no edificio, em 22 de abril de 1843, a igreja ficou destruida, salvando-se porém algumas cousas que as chamas — menos violentas que o vandalismo — não puderam destruir. Entre esses objectos conta-se o tumulo, que se acha bem conservado, e que é digno de ser revelado ao publico como monumento historico e artistico.

A sua fórmula é a de uma grande urna pyramidal, talvez de seis metros de altura, de finos marmores, no mesmo gosto dos tumulos reaes que existem na capella-mór dos Jeronymos,

em Belem. Assenta sobre dois leões de marmore cinzento escuro, quasi negro. Na base lê-se uma grande inscripção, perfeitamente gravada, em 7 linhas, na qual se insculpiram os principaes traços biographicos e genealogicos dos dois esposos, que fundaram e dotaram com grossa quantia aquella casa da Companhia.

O sr. dr. Teixeira de Aragão, quando publicou o 3.º volume da sua *Descripção geral e historica das moedas*, o qual se refere ás moedas da India, ignorava — e quem o adivinharia! — que este tumulo ainda existisse e reproduz a inscripção como a publicou Antonio Caetano de Souza. Ora é de advertir que o auctor da *Historia genealogica* não a transcreveu com todo o rigor epigraphico, havendo até uma lacuna importante.

O sr. director da Escola Polytechnica entendeu, e entendeu muito bem, que este monumento não deve estar por mais tempo occulto e abandonado, e vae mandal-o collocar em algum sitio apropriado no jardim, servindo de enfeite architectonico, ou, a não se poder realisar esta ideia, vae officiar ao governo, para que o faça remover para o museu de bellas-artes.

Juntamente com o tumulo estão algumas estatuas, infelizmente mutiladas, bellas columnas salomonicas de marmore, fragmentos de pedra, primorosamente lavrada, que devem ser removidos igualmente para o museu. Outro objecto, que deve ter o mesmo destino, é um missal, impresso em Anvers pela casa plantina, que não se recommenda pela raridade bibliographica, mas que é digno de apreço pela encadernação em velludo verde com enfeites de prata delicadamente lavrados.

O nome de Fernão Telles de Menezes, cujo retrato adorna hoje a sala de conselho da Escola Polytechnica, recorda-nos nomes identicos de individualidades não menos gloriosas. Na igreja dos Marianos, que foi dos carmelitas descalços e é hoje duma seita protestante, está sepultado um Braz Telles de Menezes, fallecido em 16 de agosto de 1637, e a quem o epitaphio intitula *invencivel general*. Militou na India, em Mazagão e em Ceuta.

Em Diu, no forte do mar, existe uma capella da invocação de Nossa Senhora da Victoria que erigiu o capitão Manuel Pinto Pereira para celebrar o triumpho alcançado pelo general dos

galeões, Antonio Telles, sobre a armada de Hollanda, em janeiro de 1638.

Como todas estas pedras falam, e como nós, filhos degenerados duma raça de valentes, as não queremos ouvir!

20-6-1893.

Uma edificação religiosa e artistica

Realisou-se ha dias a inauguração da nova igreja de Aguas Bellas, proximo de Thomar. Nos tempos de scepticismo e de indiferença religiosa que vão decorrendo, o facto não é tão trivial, que não cause alguma sensação e que não mereça ser encarado até debaixo de mais de um ponto de vista.

Antigamente, nas epocas de mais vivas crenças, eram vulgares as edificações religiosas—igrejas e mosteiros—não só porque era essa a tendencia geral do espirito humano, mas porque considerações e interesses doutra natureza se ligavam indissolavelmente a taes actos de piedade. Os asceterios ou mosteiros eram em alguns casos uma fonte de receita para os seus fundadores, e noutros casos a sua construcção tinha o quer que fôsse de contracto mercantil. Como a igreja era então o campo santo, o cemiterio obrigatorio, todos queriam ter, para depois da vida, o seu logar reservado sob as abobadas do templo.

O poder real, que concentrava então todos os poderes do estado, era quem contribuia principalmente para estas obras. Até os mais poderosos não raro invocavam nas suas empresas o auxilio regio. D. Guiomar, condessa d'Athouguia, querendo fundar o convento de S. Francisco de Xabregas, proximo de Lisboa, apesar de ser senhora de grossos haveres, pediu primeiramente a D. Affonso V uns paços velhos que ali existiam e o necessario terreno circumjacente. A munificencia real annuiu generosamente.

Desta feita, a igreja de Aguas Bellas foi devida unica e exclusivamente á iniciativa de um particular, cujo nome não pronunciaremos, por que não se imagine que se trata de uma lisonja pessoal. Além disso cada um tem na sua propria consciencia o galardão dos seus actos meritorios.

E' debaixo de outros aspectos, não menos importantes e

dignos de nota, que vamos considerar este acontecimento, que, digamol-o de novo; tem um character que não é vulgar. A igreja de Aguas Bellas foi construida rapidamente e talvez em condições economicas, que poderiam servir de exemplo ás construcções effectuadas por conta do estado. Por certo que o illustre titular, que pagou do seu bolsinho as despezas da edificação, será o primeiro a occultar a conta, mas seria curioso e edificante consultar o seu orçamento com outros orçamentos officiaes.

O que, porém, nos impressiona sobretudo é o character artistico que apresenta o novo edificio. Não que elle seja uma obra grandiosa e monumental, não que elle seja — áparte os estylos — a miniatura do convento de Christo ou da Batalha, não que elle apresente, no seu calcareo, uma florescencia rendilhada como o portal ou as arcadas do claustro dos Jeronymos, mas porque reveia uma acentuada feição architectonica. Vê-se que obedeceu a um pensamento definido e que foi elaborado por um artista conhecedor do seu officio e possuidor dos segredos da arte.

A nova igreja, no estylo romanico, não tem um aspecto pesado como a maior parte das igrejas que daquelle estylo existem ainda no nosso paiz, algumas das quaes todavia são notabilissimas e dignas de todo o apreço, não só pelo lado archeologico, mas pelo lado architectonico. A torre, em fôrma de agulha, sobre a porta central, dá-lhe um aspecto de leveza e elegancia, que não é muito vulgar entre nós. Em geral as nossas torres são massiças e quadrangulares, embora conheçamos curiosos specimens em fôrma pyramidal, caso que se observa em Thomar, em Obidos e ainda em outras partes.

Não conhecemos *de visu* a igreja de Aguas Bellas, nem examinámos de perto a sua construcção, e, postoque nos faltassem os indispensaveis conhecimentos technicos, é possivel que notassemos, ainda que timidamente, alguns defeitos. Falamos em presença de algumas reproducções que vimos e podemos asseverar que a impressão não podia ser mais agradável.

Em todo o caso parece-nos um exemplo digno de ser apontado aos nossos constructores e sobretudo aos poderes publicos. Fazem-se por ahí restaurações e reconstrucções, que são uma vergonha e que, além de custarem os olhos da cara, deixam quasi sempre vestigios de mau gosto e motivos evidentes de censura.

Ainda ha pouco se restaurou em Lisboa uma igreja incendiada, que não tinha nada que a recommendasse sob o ponto de vista artistico. Pois não seria muito mais rasoavel que o dinheiro que ali se dispendeu se gastasse de preferencia numa construcção nova, singela sim, mas de character architectonico?

Desculpem estes reparos, que a muitos parecerão caturrices, mas que são filhos do muito amôr que temos ás nossas cousas, e do desejo de vêr, em todas as suas manifestações, progredir a arte em Portugal.

23-7-1897.

A arte de bem construir

Os antigos, pelo que respeita a architectura monumental, deixaram-nos modelos inexcediveis e que, sob mais de um ponto de vista, attingiram o grau supremo da perfectibilidade. O Parthenon, dominando uma das colinas de Athenas, apesar do seu estado de ruina, ainda exerce hoje o mais poderoso influxo no espirito de todos aquelles, que professem a religião do bello.

A columna, a abobada, o arco, são typos fundamentaes, que a sciencia architectonica tem acatado e continuará a acatar, procurando apenas tirar effeitos novos das suas combinações.

Foi isto o que fez o «renascimento»; é n'esta direcção que convergem todos os esforços dos architectos modernos, convencidos quasi de que é impossivel crear fôrmas, inteiramente diversas, das preexistentes.

E não é sómente na parte esthetica, propriamente dita, que os antigos nos deixaram creações de primeira ordem. Na parte material, isto é, na maneira de preparar os materiaes, de os reunir, de os combinar com graça e solidez, tambem elles fôram verdadeiros mestres, e nos edificios, que nos legou a antiguidade, ahi se vêem caracterizados, com toda a evidencia e no mais perfeito equilibrio, a robustez, a elegancia e a grandeza.

Isto pelo que respeita aos edificios monumentaes, pois no tocante á habitação domestica já não diremos a mesma coisa. As condições sociaes mudaram extraordinariamente, e se a familia soffreu uma transformação completa, não admira tambem que se

transformasse da mesma fôrma o lar domestico. Onde é que a antiguidade nos apresenta exemplares comparaveis a essas colonias gigantescas, que se erguem, para habitação do homem, nas ruas de New-York e nas outras cidades da grande confederação norte-americana?

Só a Biblia é que nos offerece um proto-typo desta natureza na lendaria Torre de Babel.

Os progressos das sciencias e das industrias deveriam contribuir para transformar, melhorando-a, a habitação do homem. A applicação do ferro e de outros metaes, os prodigios da mechnica, as maravilhas da electricidade, fornecem ao constructor recursos de primeira ordem, que lhe permittem aventurar-se ás obras mais audaciosas. O utilitarismo predomina, mas a belleza da fôrma não é totalmente abandonada, procurando consubstanciar-se harmonicamente as duas tendencias oppostas. A industria não é inimiga da arte, nem esta pôde desprezar aquella.

Em todos os grandes centros de civilisação se observa o fervoroso empenho com que os seus governos e as suas municipalidades procuram aformoseal-os, de modo não só a propagar o gosto entre os seus naturaes, mas a attrahir os forasteiros. Uma das causas que mais tem contribuido para debellar a crise financeira na Italia é a concorrência dos estranhos, que ali vão principalmente para admirar as esplendidas producções da arte de todos os seculos.

Ninguem melhor do que Paris tem comprehendido esta verdade e por isso ella não descança um momento em dar fóros de axioma ás phrases de Victor Hugo, que chamou a capital da França — «a Athenas moderna, a cidade-luz, o cerebro da civilisação moderna». Para dar um aspecto gracioso ás suas grandes e rumorosas arterias, o municipio parisiense premeia todos os annos as melhores construcções particulares. Esses premios são distribuidos simultaneamente pelos architectos, mestres d'obras e proprietarios. Em geral attende-se mais á belleza das fórmãs, á exteriorisação, embora não se descuidem tambem os commodos internos.

Em nosso humilde juizo, são estes que deveriam prevalecer sobre tudo, porque o domicilio não se fez para admiração de quem passa, mas para goso de quem nelle reside. Não se vive na

rua, vive-se na casa, e não é a contemplação da frontaria, que nos dá a sensação do bem estar na intimidade. E' certo, porém, que nada disto é irreconciliavel, e um bom architecto pôde satisfazer sem custo ás condições da elegancia e do conforto, sem que nenhuma dellas fique sacrificada ou prejudicada pela outra. A questão é ter um bocadinho de lume no olho, um grãosinho de senso esthetico e um conhecimento technico perfeito.

E' neste sentido que nós desejaríamos que se orientasse o ensino da architectura, tanto nas escolas de bellas artes como nas escolas industriaes. O alumno que sae destes estabelecimentos vem apto para levantar um edificio monumental, mas nada preparado para uma construcção domestica. E' por isso que por ahi se observam tantos aleijões, e que muitos proprietarios, dominados pela rotina, chamam de preferencia o mestre de obras. A parte economica é um dos elementos essenciaes destas construcções, e o architecto, que não obedecer a este principio, não terá a nitida comprehensão dos deveres do seu officio.

O capital não deve ser mesquinho, com vista unicamente num juro demasiado compensador, mas o architecto, pela sua parte, não deve afugentar o capital com despezas inuteis, provenientes de uma direcção menos zelosa ou de um plano menos conscienciosamente traçado.

30-4-1902.

Reconstrucção dos monumentos

A arte e a politica

Vão decorridos poucos mezes depois que neste mesmo logar fizemos algumas considerações sobre um facto de não pequena importancia para a vida intellectual do paiz e que tanto alvoroço causára no nosso limitado e pacifico ambiente artistico.

Um dos mais brilhantes ornamentos da nossa tribuna politica, tendo por mais de uma vez feito parte dos conselhos da corôa, sem abandonar por instante as pugnas parlamentares, em que tanto refulge a sua palavra ironica e humoristica, revelara-se um talento pouco vulgar na scena lyrica. Essa manifestação, porém, não fôra absolutamente inedita e inesperada: o talento musical

do auctor desde os annos juvenis que era sensível e apenas jazia latente por circumstancias especiaes.

A hereditariedade artistica tivera de submetter-se, depois de uma lucta intima, em que diversas aptidões, qual dellas mais distincta, terçaram as suas armas.

A carreira artistica entre nós é pouco remuneradora e ainda quando prodigalisa gloria, é esta tão restricta que não compensa as amarguras, os dissabores, e a mesquinhez de quem despreza tudo e a tudo se sujeita para só viver do seu ideal. Eis o motivo porque o sr. João Arroyo, justamente ambicioso de renome, na ancia bem entendida de alcançar uma posição dominante, preferiu a carreira das letras, frequentando victoriosamente a Universidade, d'onde saiu sem demora para a arena do parlamento, onde o esperavam maiores triumphos do que aquelles que havia alcançado no seu curso academico e na sua cadeira de professor.

Ha vocações multimodas, lapidadas a capricho pela natureza, reflectindo com intensidade igual os mesmos raios em cada uma das suas faces.

Benevenuto Celini, para citar apenas um dos exemplos que a Renascença italiana nos offerece, foi uma dessas entidades prodigiosas, que ainda hoje nos assombra com a variedade das suas faculdades geniaes.

O sr. João Arroyo, se não se pode collocar á mesma altura do eminente burilador, pode, todavia, dizer-se que é dessa raça privilegiada, onde ha mais de uma fulguração no maleavel entendimento.

O «Amor de Perdição», se não é uma destas obras que assinalam uma pagina memoravel ou nos annaes da arte, ou na vida do compositor, é, todavia, uma obra que não ficará esquecida e que nos desperta o intimo desejo de que o maestro prosiga ardentemente o caminho encetado, trocando os applausos ephemeros da tribuna pelas aclamações da plateia, a atmospheria inebriante e venenosa da politica pelas regiões serenas da arte. Francamente, com a mão na consciencia o dizemos, mais preferiamos vêr no sr. João Arroyo um emulo de Wagner do que um emulo de José Estevam.

O caso não é raro nem é unico e com jubilo temos a registar phenomeno identico, talvez ainda mais curioso, porque se trata,

ao que parece, duma conversão sincera e absoluta. Outro orador parlamentar de valôr e estadista de não escasso merecimento mostra-se disposto a abandonar a carreira que seguira até agora com tamanha tenacidade e empenho, para enveredar por outro caminho tão alheio ao bulício estonteante das regiões ministeriaes.

O sr. Augusto Fuschini, que ainda ha pouco publicára alguns livros sobre questões financeiras, cuja pasta gerira, acha-se agora completamente absorvido por um problema de natureza opposta. Novo Paulo, a sua estrada de Damasco é a velha cathedral lisboense, cujas alterosas torres carcomidas attestam a velhice de uns poucos de seculos. O magestoso edificio tem passado por tão vandalicas transformações que em muitas das suas partes mal se lhe reconhece a primiva estructura. Comprehende-se, por conseguinte, quanto é difficilima e até certo ponto temeraria a empresa em que se metteu o sr. Fuschini de querer reconstruir o venerando edificio, que nos fala de tantas gerações e de tantos feitos heroicos por ellas praticados.

Quaes são, perguntar-se-ha, os elementos de que dispõe o sr. Fuschini para se desempenhar conscientemente de tão melindrosa tarefa? E' certo que elle fizera brilhantemente o seu curso de engenharia, mas o engenheiro não é absolutamente a mesma coisa que o architecto. No seu organismo havia, porém, a fibra artistica que jaspera adormecida, vibrando agora com entusiasmo. O seu nome recorda o de um dos pintores que ornamentára o palacio d'Ajuda. A tradição artistica estava, pois, latente na massa do sangue.

Não fazemos, porque a isso nos impede um motivo essencial, a critica do trabalho já realizado, que póde ser um claro indicio da maneira como se procederá no restante. Affirmam-nos, porém, pessoas entendidas que o ardôr com que o sr. Fuschini se dedicou á realisacão do seu ideal é inexcedivel e que adoptaram na direcção das obras os mais rigorosos processos economicos.

E' possivel que não faltem os reparos e que haja quem discorde num ou noutro ponto, talvez até no plano geral, o que não é para estranhar, porque não ha nada que mais custe do que reedificar um edificio segundo o estylo primitivo. Por maior que seja a sciencia do architecto, por maior que seja o escrupulo na escolha dos modelos, é indubitavel que se obedece ao espirito de

imitação, faltando, por conseguinte, a originalidade esthetica e mais ainda o sentimento instinctivo da epoca. Os artistas e artifices que erigiram e lavraram as preciosas cathedraes gothicas de Reims e Amiens eram impulsionados por um fervôr religioso incompativel com a apagada crença da actualidade.

Sobre o assumpto nós temos a opinião, já se vê muito particular, de que vale mais conservar os monumentos do que reconstruil-os. Esta regra, porém, tem excepções e não seremos nós que patrocinemos sobre incomprehensivel tolerancia as excrescencias vergonhosas que adulteram e deformam em todo ou em parte alguns dos mais respeitaveis edificios. Assim, entendemos que se deve expungir quanto antes da fachada principal da Sé lisbonense as duas janellas e varanda, que lhe dão o aspecto da mais burguesia casa dos arruamentos pombalinos.

Perdõe-nos o leitor estas divagações e, se ellas o não enfadaram muito, ajuntem os seus votos aos nossos, rogando á Providencia que estas conversões politicas sejam mais frequentes, pois com ellas não desaparecerão os numerosos salvadores da Patria, ou que se inculcam como taes.

2-10-1907.

Lisboa antiga. — A igreja de Santa Catharina de Monte Sinay

Deixemos por um momento a Arcada, deixemol-a a fervilhar com os boatos de crise, e vamos dar um passeio por essa Lisboa antiga, á luz d'este sol brilhante, que é sempre novo, e que ha de ser sempre o encanto *d'este jardim á beira mar plantado*.

Vamos até ao alto de Santa Catharina, d'onde os nossos antepassados iam observar a entrada das galés, que tornavam da India, ou a nau dos quintos, que vinha, com o ouro do Brazil, satisfazer os opulentos caprichos do rei, que construiu Mafra, e erigiu, com a grandeza romana, os arcos das Aguas Livres.

Foi aqui que existiu a primitiva parochial de Santa Catharina, igreja fundada por D. Catharina, mulher de D. João III, e administrada pela corporação dos livreiros, irmandade estabele-

cida em 1460 por D. Affonso V, e cuja séde primordial era na ermida de Santa Catharina de Ribamar.

Segundo referem Brandão na *Monarchia Lusitana*, e Cardoso no seu *Agiologio*, a igreja de Monte Sinay foi fundada em 1557. A primeira construcção era muito acanhada, porque em 1572 vêmos que se deu principio a uma restauração ou reconstrucção completa, allegando-se que a existente era muito pequena e não cabiam n'ella os freguezes. D'esta construcção não nos recorda que houvesse noticia até agora.

Temos diante de nós o desenho coevo da fachada da igreja, do perfil dos arcos das naves e do cruzeiro, e a planta. E' um documento artistico de grande valor, porque os desenhos architectonicos d'aquelle seculo são muito raros entre nós.

A igreja não era de uma architectura sumptuosa. Antes pelo contrario, era singela, quasi severa, de estylo dorico. Dava-lhe entrada um portico de arco redondo de duas columnas e uma porta rectangular de cada lado. Duas torres flanqueavam o templo que era de tres naves.

Quem fôsse o architecto que dêsse a traça e o debuxo da igreja não o sabemos ao certo, mas temos quasi a convicção de que fôra Affonso Alvares, *mestre das obras de el-rei*. Era elle então procurador da irmandade, e foi elle quem redigiu os apontamentos, ou como melhor disseramos hoje, as bases do programma de concurso para a construcção da obra.

Ácerca do constructor não temos a menor duvida, mas, antes de lhe estamparmos o nome, digamos algumas das circumstancias em que se realisou o concurso. Foi no 1.º de junho de 1572 que se reuniu a confraria, para dar de empreitada a obra. Compunha-se então a mesa dos seguintes cavalheiros: Francisco de Torres, juiz; Affonso Alvares, procurador; Manuel de Carvalho, livreiro, thesoureiro; Thomaz de Gouveia e Bartholomeu Lopes, livreiro, mordomos, e Simão Vaz Seco, escrivão.

Aberta a praça, concorreram Fernão d'Alvares, Heitor Barreiros e Pero Nunes, além de outros mestres pedreiros. Foi a este ultimo que se adjudicou a obra, não porque se offerecesse a fazel-a por preço mais baixo, mas por ser official mais antigo e abastado, freguez da igreja e se *prosomir d'elle que o faria melhor que todos*. Sem querer duvidar da honradez do jury, quem

sabe se elle não se deixaria levar, como hoje em dia, pela força do empenho? A suspeita é todavia admissivel desde que Pero Nunes não era dos que offereciam menor lanço. Mas não revolvamos as cinzas do abastado empreiteiro, attendendo a que era vizinho do *Diario de Noticias*, pois morava na rua da Rosa.

Temos tambem presente o contracto e parece-nos curioso dar a nota dos preços de algumas partes da construcção: a braça de parede de alvenaria foi ajustada a 950; a braça da guarnição com seu reboco a 160; a braça da cimalha de tijolo com seu architrave, friso e cornija a 17500; a braça do telhado, pondo a telha que faltasse além da que então havia, a 400 réis; o portico com as suas duas columnas de 22 palmos 757000 réis, etc.

Pero Nunes não chegou a vêr concluida a obra que emprehendera. Em principios de 1583 fazia-se a avaliação dos trabalhos que deixára para se pagar aos herdeiros. Aos vinte e tres de fevereiro de 1586 reunia-se a confraria para ouvir o parecer dos technicos sobre a construcção da abobada da nave central. Os architectos Philippe Tercio, Balthazar Alvares e Matheus Pires, fôram de parecer, attendendo sobretudo á qualidade de terreno, que se construísse de madeira. Aos quatorze de abril do mesmo anno foi resolvido dar a construcção da carpinteria d'aquella nave a Francisco Lopes, mestre das obras do hospital. A traça fôra do architecto Nicolau de Frias.

A 27 de maio de 1590 se ajustou com o pintor Antonio Fernandes o douramento do retabulo do altar-mór, pagando-se-lhe de feitio tres mil réis por cada milheiro de pães de ouro que assentasse. Aos 14 de setembro de 1595 se fez contracto com Alvaro Gomes, pedreiro, filho de Pero Nunes, para a construcção das torres.

O terremoto de 1755 arruinou bastante a igreja, mas dois annos depois já estava restaurada, funcionando outra vez allí o serviço parochial. Não sabemos que causas consequentes contribuíram para o seu desmoronamento, pois hoje já não resta o menor vestigio; no local onde existiu ergue-se o palacete do sr. Collares. A parochia foi transferida para a igreja dos Paulistas e a confraria de Santa Catharina está actualmente na igreja da Lapa.

Foi ahi, graças á amabilidade da mesa, que tivemos occasião de consultar o seu importante archivo e de extrahir estas noticias que nos parecem interessantissimas para a archeologia de Lisboa e para a historia da arte nacional.

Fômos ao alto de Santa Catharina, mas crêmos que o leitor não ficou inteiramente a vêr navios.

5-12-1892.

Lisboa antiga — A igreja de S. Luiz rei de França

Data do seculo XVI a criação da confraria de S. Luiz rei de França, formada pela colonia franceza residente n'esta côrte. Diz João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal*, que ella estivera a principio na Ermida de N. Senhora da Oliveira, mas que depois resolvera construir igreja propria, que principiára a edificar-se em 1563, concluindo-se no anno de 1572. O sitio escolhido foi junto ás portas de Santo Antão, no local onde ainda hoje existe. Annexo ao templo levantou-se tambem um hospital para recolhimento de doentes d'aquella nação. A confraria foi dotada de muitos privilegios e regalias, não só pelo Papa, mas pelo arcebispo de Lisboa.

Diz o auctor acima citado que a ruina que a igreja soffrera com o terremoto já se achava reparada. Quer-nos parecer que esta asserção não se deve tomar em absoluto. A obra de João Baptista de Castro foi publicada em 1763 e depois d'este anno é que apparecem vestigios historicos de obras importantes. Graças á amabilidade do sr. abbade Miel, illustrado capellão-mór d'aquella igreja, tivemos occasião de examinar o cartorio, encontrando documentos curiosos, que nos elucidam bastante sobre o andamento das obras. Estas effectuaram-se principalmente durante o tempo que foi consul em Lisboa mr. Semonin, e capellão-mór o abbade Garnier.

Na residencia annexa á igreja existe uma sala adornada com retratos e entre estes um de mr. de Saint-Priest, embaixador de França, o qual sustenta na mão um prospecto do templo com a data de 1766. Ora este prospecto é approximadamente o da fachada actual.

Entre as contas das obras encontramos algumas, de que tomamos nota, por serem curiosas para a historia do edificio e para a historia das artes em Portugal. Os desenhos para o tecto do côro, cadeiras do mesmo, tribuna e vestuario fôram feitos por Jean Baptiste Philippe Signol. Por este trabalho recebeu 207080 segundo o recibo passado por elle em 23 de março de 1769. Os desenhos ainda existem acompanhando a factura.

O altar-mór e os dois collateraes, de marmore de Carrara, fôram mandados fazer em Genova pelo cavalheiro de Saint-Priest, embaixador junto de sua magestade fidelissima. Mr. Regny, consul de França n'aquella cidade, é que se encarregou da encomenda. Executou-a o sr. Pascal Bocciardi, celebre esculptor genovez, auctor da estatua do doge de Rovere, que está em Savonna. O custo do altar-mór, posto em Lisboa, foi de 4:000 libras de Genova, e os outros dois por duas mil, prefazendo o total de 6:000 libras.

Em 1770, aos 12 de agosto, no segundo anno do pontificado de Clemente XIV, no quinquagessimo quinto anno do reinado de Luiz XV, e no vigessimo do reinado de D. José, fez-se a sagração dos ditos altares pelo bispo de Macau, Bartholomeu Manuel Mendes dos Reis, assistindo á cerimonia o sr. de Clermont D'Amboise, ministro de França, o rev.º fr. Francisco de Torres, prior do Carmo e conservador espiritual da nação franceza, o capellão-mór Carlos Francisco Garnier, que celebrou a missa, etc.

Este Garnier, que governou por muitos annos a igreja, era muito douto, inclinado ás letras, e muito curioso do seu officio, deixando no seu cartorio livros cheios de interessantes apontamentos para a historia da confraria e do templo, que espiritualmente administrava. Entre os livros que ali encontramos, devidos ao seu labor, ha um que contém as despezas feitas com a illuminação da fachada da igreja nas solemnidades publicas, desde o anno de 1767 a 1777. A ultima effectuou-se a 13 de maio pela aclamação da rainha D. Maria I. Alguns desenhos representando os prospectos das illuminações acompanham este livro, cujas contas são o mais possivel minuciosas.

Ha n'elle uma nota picante e que demonstra certa malicia da parte do abbade Garnier ou da nação franceza. Em 1773 cantou-se *Te-Deum* nas igrejas de Lisboa, celebrando a bulla que

extinguia os jesuitas. A igreja de S. Luiz ficou muda, não entrando no côro geral, a pretexto de que estava isempta da jurisdicção do ordinario. Dias depois o senado da camara mandou, pelo mesmo motivo, fazer illuminações, e a nação então não pôde eximir-se de mandar illuminar a fachada da igreja.

O abbade Garnier foi nomeado capellão-mór em 1765, e foi sepultado na sua igreja a 15 de junho de 1804. Era illustrado bibliophilo, e chegou a reunir grande porção de livros portuguezes de bastante valor, que ainda se encontram hoje nas bibliothecas publicas e nas livrarias particulares, e que se conhecem por terem o seu *ex-libris* escripto de seu proprio punho.

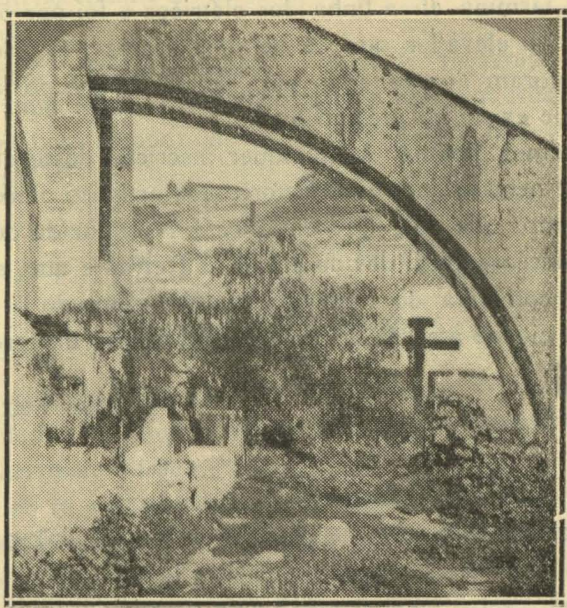
As noticias que elle deixou no seu cartorio, ao mesmo tempo que nos dão a sua autobiographia, fornecem um capitulo curioso para a historia de Lisboa no ultimo quartel do seculo passado.

7-1-1893.

Continúa).

SOUSA VITERBO.

Cruzeiro do Carmo em Lisboa
 E um dos muitos que pertencem a ordem dos Descalços
 Existem nos cruzeiros entre as ruínas da igreja do Carmo e o
 cruzeiro do lado sul
 Por este lado também passaram os romanos do templo da
 rua do Carmo para a igreja e viram o elevador de Santa Justa



Cruzeiro do Carmo em Lisboa

ca nesta especie de
 de novas ruas abriam grande parte delas, mas ainda hoje o
 encontrasse nesta o seu grande ornato
 Ainda hoje temos: Rua do Cruzeiro, beco e praça da Cruz,
 rua da Cruz e Alameda. Cruz das Almas, travessa da Cruz dos
 Anjos, Cruz das Batatas ao Lameiro, Cruz da Carreira, travessa
 da Cruz da Pastora, da Cruz da Fria, Cruz d'Onofres, Cruz
 da Pólvora em Belem e em Santa Barbara, Cruz dos Portos,
 Cruz da Moura, rua da Cruz de Santa Apolonia, Cruz de Santa
 Helena, travessa da Cruz de Santa Cruz do Taboado, Cruz do
 Theol, Cruzeiro d'Alfama, beco das Cruzes, Cruzes da St. Cal.
 outro

Cruzeiro do Carmo em Lisboa

E' um dos muitos que pertencem á longa lista dos desaparecidos.

Existia nos terrenos entre as ruínas da igreja do Carmo e o edificio do lado sul.

Por este terreno tinham passagem os inquilinos do predio da rua do Carmo, onde assenta o viaduto do elevador de Santa Justa.

Hoje, termina ali a linha dos eléctricos e foi por ocasião da construção do elevador que se demoliu o cruzeiro. Cremos que as pedras foram aproveitadas para lancil de uma porta do subterraneo que existe no mesmo local.

Não temos noticia de qualquer inscrição dêste cruzeiro e cremos que nenhum interesse historico ou artistico oferecia.

A estampa que dêle apresentamos é reproduzida de uma fotografia estereoscopica, devida a Carlos Relvas e que, se não dá uma ideia completa do Cruzeiro, mostra comtudo o pitoresco da vista da cidade atravez do botaréu das ruínas da igreja.

F. A. GARCEZ TEIXEIRA.

Cruzeiro da Graça em Lisboa

A cidade de Lisboa era sem duvida alguma das mais abundantes nesta especie de monumentos. O vandalismo e o rasgamento de novas ruas abateram grande parte deles, mas ainda hoje o onomastico atesta o seu grande numero.

Ainda hoje temos: Rua do *Crucifixo*, beco e pateo da *Cruz*, rua da *Cruz* a Alcantara, *Cruz das Almas*, travessa da *Cruz dos Anjos*, *Cruz dos Bairros* ao Lumiar, *Cruz da Carreira*, travessas da *Cruz do Desterro*, da *Cruz da Era*, *Cruz d'Oliveiras*, *Cruz da Pedra* em Bemfica e em Santa Engracia, *Cruz dos Poyaes*, *Cruz da Rocha*, rua da *Cruz de Santa Apolonia*, *Cruz de Santa Helena*, travessa da *Cruz de Soure*, *Cruz do Taboado*, *Cruz do Thorel*, *Cruzeiro d' Ajuda*, beco das *Crúzes*, *Cruzes da Sé* e *Calvario*.

Nas plantas antigas da cidade tambem se encontra menção de varios cruzeiros.

Ainda que alguns daqueles nomes possam ser provenientes de cruzamento de caminhos ou de outra causa, não deixará por isso de ser grande o numero dos cruzeiros hoje desaparecidos, cujo nome ficou perpetuado no do local onde existiram.

De um dêles resta a seguinte noticia, inserta na relação de epitafios antigos, coligidos por um curioso no seculo de quinhentos, que vem no volume 4.^o do «Panorama» em artigo subscrito por Cunha Rivara :

«Antes de chegar ao mosteiro de N. S.^a da Graça de Lisboa, onde está uma cruz de pedra alevantada com um crucifixo, ao pé dela estava uma campa, que agora não aparece com umas letras que diziam :

O devoto de um Deus só,
Que esta cruz aqui fez pôr,
Aqui jaz tornado pó :
Rogai por mim peccador.»

Este cruzeiro é provavelmente o que se vê numa estampa do livro inedito de Luiz Gonzaga Pereira, *Descrição dos Monumentos Sacros de Lisboa*.

Nela se vê a actual igreja que substituiu a anterior, destruida pelo terramoto e que fôra fundada por Frei Luiz Montoya, reformador da ordem dos religiosos ermitas de Santo Agostinho, sendo a primeira pedra lançada pelo bispo D. Frei Antonio Brandão em 9 de março de 1550, tendo-se concluido em 1560.

F. A. GARCEZ TEIXEIRA.

O Mosteiro de Leça do Bailio (*)

Estado ruinoso em que se encontra

MEU CARO ROSENDO CARVALHEIRA

Pertence v. á comissão dos monumentos nacionais, e por isso não estranhe que, por este meio, lhe dirija estas palavras sobre a extraordinaria impressão que me causou o estado de abandono em que se encontra um dos monumentos mais antigos e mais típicos de arte romanico-gotica, que possuímos, e como tal citado por nacionais e estrangeiros: Raczynski occupa-se dele com entusiasmo, e a mais de um estrangeiro apreciador deste genero de historia de uma nação o tenho ouvido citar com verdadeiro entusiasmo. Uma descrição lida ainda não ha muito tempo num autor estrangeiro, aguçou-me a curiosidade de o ver, e, na minha recente passagem pelo Porto, devido á amabilidade de amigos queridos, tive ocasião de o visitar. Meu amigo! A minha alma de portugêus, que ama a sua Patria com carinho, sentiu-se verdadeiramente oprimida, vexada, com o quadro deprimente que se lhe deparou.

O magestoso monumento que á primeira vista tanto me impressionou, pelo seu aspecto venerando e imponente, de uma imponência calma, que nos remonta a um passado cheio de tradições e poesia, exemplar notabilissimo de arquitectura medieval que ha seguramente sete seculos, altivo domina uma paisagem encantadora dos inegalaveis arrabaldes da cidade do Porto, só vendo o, penetrando no seu interior, se poderá avaliar o estado de miseravel abandono a que foi condenado! Chega a ser criminoso um tal desmazelo! Os hunos ou os vandalos não fariam tanto, se já no seu tempo conhecessem a cal. O mais barbaro povo do mundo não excederia em selvageria ao que se tem feito ao belo monumento de Leça do Bailio! Basta dizer-lhe que fui dar com o seu poetico claus-

(*) Do *Diario de Noticias e Mundo*, de 18 e 20 de agosto, 1912.

tro, actualmente em poder de um particular que ocupa tambem a escadaria e lindo alpendre que dá para a cêrca, bem como para o convento, servindo de abegoaria e deposito de estêrco, vendo-se através dos montes de estrume e objectos velhos de lavoura, reles, os mais belos exemplares de janelas goticas de transição do românico para o gotico, tapadas com pedras soltas, ou ainda a cal e areia. Um horror!

Chamam os monumentos antigos, forasteiros a um paiz. E', sem receio de errar, este o principal motivo das viagens, porque paisagens encantadoras todos os paizes as possuem. A Sociedade de Propaganda de Portugal, á qual v. tambem pertence, dirigiu-se ha tempo ao parlamento pedindo a regularisaçã^o do jogo... com o fim de chamar gente a Portugal.

Fez-me pena vêr tal orientação da parte de uma colectividade tão importante, e que tanto podia fazer e, que por esse motivo, tão intensamente poderia contribuir para a educação e regeneração do nosso povo.

E agora penso: que belo gesto não seria o dessa bela colectividade, tomando a iniciativa de fazer com que immediatamente se repare e reconstitua o lindo e raro exemplar da velha architectura medieval!

Tudo no nosso paiz parece a fingir... menos os monumentos e por isso os deixam cair... Leis, comissões... «diplomatas», governos... V. desculpe, mas eu abandonaria uma comissão a que pertencesse, cujo criminoso desmazelo chegasse a atingir as proporções daquele que, ainda não ha tres dias, presenciei nos arrabaldes do Porto, e deu origem á minha indignação manifestada nestas mal alinhavadas linhas e o não pudesse remediar.

Estilo de alfaiate, dirão os sabios da nossa terra, troçando das minhas intênções, mas é o mesmo. Desabafei! E, apesar de todos os desdens, eu fico tranquilo por ter cumprido com o meu dever, protestando. Meu querido amigo: v., que possui uma grande alma de artista, e que lida no assunto como ninguem; que já restaurou a Sé da Guarda, esse belo monumento medieval tambem, mas posterior ao de Leça, meta ombros á empreza e capriche em que acabe uma tal vergonha. Que Leça do Bailio se restaure, reconstituindo-se o seu lindo claustro e convento. Do convento poderia a cidade do Porto fazer um museu qualquer de

objectos archeologicos. Da cêrca, expropriando-a, um jardim que contribuiria ainda para aformosear o encantador arrabalde.

Se para a reparação do monumento fôr necessario abrir subscrição publica, conte comigo, podendo desde já inscrever me com cem mil réis.

Desculpe-me e creia-me com dedicação amigo certo e admirador.

Lisboa, 17-8 912

Francisco Grandella.

MEU CARO AMIGO FRANCISCO GRANDELLA :

Acabo de ter a grata surpresa de ler a interessante e patriótica carta que me dirigiu por intermedio do «Mundo», na minha qualidade de vogal da comissão dos monumentos, e nem o meu bom amigo calcula, o quanto esse facto me foi pessoalmente agradável, por me fornecer propicio ensejo, de mais uma vez tratar d'um assunto que sempre considerei e hoje mais do que nunca, de altissima importancia e alcance para a nossa dignidade de portugueses e de povo que pretende e diligencia chamar-se civilisado.

O seu patriotico brado de revolta, contra o estado em que encontrou o belo monumento medieval de Leça do Bailio, não é, infelizmente para nós, um brado isolado; muitos outros se teem levantado e se levantam por toda a parte, contra o deploravel e quasi geral abandono, em que temos deixado o nosso valiosissimo tesouro monumental, e o que é profundamente triste, é que a essa patriótica campanha, pouco, muito pouco, tem correspondido de resultados praticos. De quem é a culpa? Eis a questão.

A culpa é essencialmente de todos os governos, que confinando-se nas laboriosas lucubrações absorventes da banal politiquice indigena, não descem da sua olimpica altura, ao rasteiro nivel de cousas de menor monta, tais como as que se relacionam com a arte e seus progressos, ou com a archeologia monumental e artistica do paiz.

De vez em quando, em face de geraes reclamações publicas, esses sete dormentes do poder, acordam estremunhados e resolvem num belo gesto patriotico (vá lá a frase da moda...) crear leis de protecção para a arte e monumentos nacionais, constituindo

corporações a quem confiam a execução d'essas leis e o encargo dessa protecção, mas... passado esse momento, esquecem as leis que criaram, as corporações que instituíram, e umas e outras são lançadas ao mais completo e criminoso abandono, sem que lhes seja dispensado o necessario apoio e concurso officiais, obrigando umas e outras á mais inefficaz e esteril das existencias.

Por esta fórma sumaria e comoda, os governos fingem que se interessam pelas artes e tradições nacionais, endossando as responsabilidades da sua criminosa inercia sobre instituições a que não ligam a menor importancia, criando-lhes uma existencia difficil, não as dotando como lhes cumpre, com os indispensaveis meios de acção; — resultado final, a perda de tempo, de esforços e dedicações preciosas, que devidamente aproveitadas, poderiam ter evitado tantos e tão lastimaveis vandalismos que por todo esse paiz nos envergonham e atestam a nossa incapacidade, para cuidarmos de coisas que em paizes mais adeantados do que o nosso, se costumam chamar «coisas sérias».

Sem falar por agora, nas anteriores comissões dos monumentos, e referindo-me apenas á actual, áquella a que muito me honro de pertencer, eu posso garantir ao meu bom amigo, que em todos os onze membros que a constituem, existe a mais decidida boa vontade e a mais desinteressada dedicação para cumprirem cabalmente a honrosa e difficil missão que o Estado lhes confiou, mas... tenho de mais uma vez confessar, que toda essa boa vontade e dedicação esbarram de encontro á penuria extrema de recursos, com que dotaram essa comissão, impossibilitando-a de cumprir eficazmente, como tanto deseja, a sua missão protectora e patriotica.

Principia porque esta comissão não tem séde propria nem secretaria regularmente montada, e o seu já consideravel expediente tem sido quasi que exclusivamente feito pelo seu actual e dedicadissimo secretario Adães Bermudes, que além de exercer, como os restantes vogais da comissão, o seu lugar gratuitamente, tem ainda de sacrificar os seus interesses particulares, no serviço material que podia e devia ser exercido por qualquer escriptorio ou amanuense dos muitos que sobejam ao serviço do Estado.

Reune-se a comissão habitualmente uma vez por semana, mas com o intuito de melhor cumprir a sua missão, resolveu e

creio que muito bem, alternadamente realizar as suas sessões, umas vezes na escola de Belas Artes, onde por favor tem a sua séde provisoria, outras, em diversos monumentos que para esse fim visita.

Acontece, porém, que não havendo a necessaria e indispensavel verba autorisada para as despezas que tais visitas produzem, essas despezas teem saído do bolso de todos nós, tendo-se por esse motivo limitado, por emquanto, a comissão a visitar os monumentos que menos encargos tragam aos seus membros.

Pediui-se por varias vezes ao governo que fossem facultados aos vogais da comissão, passes pessoais, nos caminhos de ferro do Estado, a fim de poderem desempenhar convenientemente as funções em que gratuitamente os investiram; depois de varias e repetidas instancias, só ultimamente e como grande favor e esmola, o mesmo Estado teve a espantosa generosidade de mandar para serviço de toda a comissão 4 passes (que já pertenciam á extinta comissão) para o caminho de ferro do Sul e Sueste, isto é, para o Alemtejo e Algarve. O Estado sempre previdente e cauto, achou que os monumentos do Minho e Douro dispensavam a visita de qualquer membro estudioso da comissão, e por esse motivo achou prudente e economico não alimentar vicios a estudiosos de velharias que para nada prestam... «cortando-lhe os viveres» do passe, nos caminhos de ferro do Minho e Douro, pertença do mesmo Estado.

Ao menos por esta vez ficou demonstrado que nem sempre os governos deixam á matroca os bens do paiz...

E' absolutamente indispensavel que no menor prazo possivel, se complete a relação ou inventario monumental do paiz, ainda bastante deficiente e atrazado; para esse efeito, torna-se necessario a visita e estudo de todos os monumentos de que se vai obtendo noticia; como realizar, porém, esse valioso serviço, sem recursos de especie alguma que o Estado não só não faculta, mas que ainda, com um desinteresse cruel que não sei se é mais criminoso do que estúpido, parece dificultar?

Dir-se-hia que o Estado muitas vezes pratica o que faziam certos abades, dando ao mundo filhos que abandonavam em seguida... para os outros sustentarem.

Criar comissões com encargos sérios e responsabilidades

graves, e não lhes dar meios de acção, praticos e eficazes para a realização desses encargos, é perpetrar mais do que um erro grave, é falsear a missão do estado, transformando-a numa intoleravel e perigosa hipocrisia. No decreto que criou esta comissão, avultam mirabolantes promessas de coisas varias que são já hoje, decorrido pouco mais de um ano, letra morta; Deus me livre de pretender sequer analisar por agora, esse diploma, que contendo muita coisa boa, tem a meu ver o grave defeito de ter criado tres comissões de monumentos para todo o paiz, quando para se organizar «uma» em boas condições, sempre se encontraram sérias dificuldades; se a ele neste momento de passagem me refiro, é porque o não cumprimento dalgumas das suas fundamentais disposições, principia a produzir os seus nefastos efeitos.

Segundo o referido decreto, a protecção e salvaguarda dos monumentos do paiz, foi confiada a 3 comissões autonomas; uma ao norte com séde no Porto, outra ao centro, com séde em Coimbra, e outra ao sul com séde em Lisboa.

Facilmente se depreende, que da diversidade de recursos locais, derivará a diversidade na acção que se pretende exercer em beneficio e protecção dos monumentos, e que ainda dessa diversidade, resultarão, sem duvida, inconvenientes de varia especie, que não é facil desde já especificar, mas que sem grande esforço se adivinham.

Afigura-se-me que, dentro de pouco tempo, a pratica demonstrará o enorme erro de semelhante divisão; para assuntos de tal magnitude, nem sempre são aceitaveis acomodaticias contemporisações locais; perante a necessidade de salvaguardar eficazmente o nosso ainda valioso tesouro monumental, deveremos pensar menos no Porto, em Coimbra e em Lisboa e pensar mais... no paiz.

Desculpe, meu caro Grandella, a talvez extemporanea divagação em que principiava a embrenhar-me a proposito do interessante assunto da sua carta, mas o meu amigo sabe, por experiencia propria, que certos assuntos que nos são gratos, não podem ser tratados friamente e com a necessaria ponderação protocolar usada em casos solenes.

Indignou-se o meu bom amigo, e com rasão, contra o triste espectáculo de lamentavel desmazelo e abandono em que encon-

trou um dos nossos mais interessantes monumentos medievos, e ainda com razão se insurge, contra as comissões de monumentos, que consentem tão deploravel estado de coisas: cumpria-me a mim tambem, já que teve a gentileza de se me dirigir por forma tão cativante, dizer-lhe que, associando-me do coração ao seu brado de patriota justamente revoltado, procuro no limite das minhas forças provar-lhe que actualmente a culpa de tudo o que lamenta, não pertence ás entidades visadas, mas exclusivamente aos governos, que malbaratam valiosissimas dedicações, deixando-as abandonadas dos indispensaveis recursos materiais e morais, a debaterem se contra a impossibilidade em que as põem de prestarem os seus desinteressados serviços ao paiz que tanto amam.

No meio deste descaravel abandono official, ha, felizmente, a registar a dedicação desinteressada de muitos benemeritos «carolas», que, como sentinelas zelosas e vigilantes, vão dando o seu grito de alarme contra as investidas dos vandalos.

Tambem com iguais intuitos benemeritos, duas colectividades patrioticas, entre muitas outras que a seu tempo e noutra carta serão com justiça apresentadas á gratidão nacional, tem entrado valentemente na liça da defeza dos nossos monumentos: — a Associação dos Archeologos Portugueses e a Sociedade de Propaganda de Portugal. A primeira, originada no abençoado e patriotico carolismo de um saudoso portuguez de lei, o architecto Possidonio da Silva, tem sido, ha mais de 40 anos, a mais valorosa propugnadora da protecção aos monumentos patrios; sociedade particular, contando apenas com os recursos proprios, tem ela só por si feito em favor da bela causa que adoptou, mais do que todos os governos juntos deste desventurado paiz.

A segunda, apenas com alguns anos de existencia, já conta na sua folha de patrioticos serviços, alguns que não podem nem devem ser esquecidos. Arredada por completo de tudo quanto cheire a politica, ela caminha nobremente inspirada nos interesses superiores do paiz, sem se preocupar com as controversias ou opiniões das parcialidades que discutem a moralidade ou imoralidade de uma possivel e proxima medida governativa.

Recebeu o mandato do Congresso de Turismo, para fazer chegar ao parlamento um voto desse mesmo congresso: cumpriu.

o encargo e prestou todo o seu apoio a esse facto, sem com isso se sentir molestada na sua dignidade colectiva, porque entendeu, e a meu ver entendeu muito bem, que não se tendo ainda provado que o jogo da Bolsa seja um crime ou uma vergonha nacional, e a loteria da Misericórdia de que o governo tira amplos recursos para a assistência publica, seja tambem uma mancha indelevel para a nossa civilização, ela poderia, sem desdoiro, associar-se á propaganda de uma medida de largo alcance para a economia e desenvolvimento turistico do paiz, e que, embora baseada num vicio, como as duas instituições citadas, poderá trazer o bem estar e o trabalho a muitas familias que do trabalho vivem, e a muitos individuos que não jogam.

Aqui tem o meu bom amigo justificada a acção desta patriótica sociedade, a respeito de tal assumto, cumprindo-me acrescentar que actualmente ela se encontra empenhada numa campanha benemerita em favor dos monumentos nacionaes, como a seu tempo demonstrarei.

Em vista de que fica exposto sumariamente, reconhecerá o meu excellente amigo, que na parte que me respeita, não só não me envergonho, mas muito me honro, de pertencer a colectividades cujo exclusivo intuito é o de honrar e enaltecer a nossa querida terra defendendo as suas tradições artisticas e procurando melhorar as suas condições materiais, fomentando a riqueza publica e fazendo com que este belo e atrazado paiz se integre no movimento de resurgimento e progresso mundial que caracteriza o actual modo de ser das nações civilisadas.

Permita-me que mais uma vez louvando a sua patriótica attitude eu o felicite pela ideia que teve, lançando o alvitre de se poder no paiz, talvez instituir uma nova sociedade dos «Amigos dos Monumentos» para o que a sua iniciativa generosa proporciona uma consideravel quantia inicial; este assunto interessantissimo, será devidamente tratado noutra carta com o desenvolvimento que merece, se a generosa hospitalidade do *Mundo* o consentir.

Resumindo, pois, cumpre acentuar, que : — a reclamação justissima que o meu amigo faz a respeito do monumento de Leça do Bailio, não póde pelas razões já expostas, ser atendida pela comissão de que faço parte, porque se encontra o citado monu-

mento na circunscrição da comissão do norte, cuja séde é no Porto:— que a Sociedade de Propaganda de que faço parte, trabalha afincadamente para que todos os nossos monumentos possam ser apresentados em condições decentes aos «touristes» que visitem o paiz, chamando a atenção do Estado para a falta de communicações convenientes e faceis que facultem a sua visita.

Resta-me ainda acentuar a fundada esperança, que todos nós temos neste momento, em que o estado lastimavel de coisas que deixo rapidamente apontado, cesse; dirigindo a pasta do interior e do fomento encontram-se actualmente dois homens ilustrados e patriotas de cuja acção muito ha a esperar; e na comissão dos monumentos, de que faço parte, foi registado com o devido louvor, o acto do ministro do fomento, que por iniciativa propria resolveu nomear o presidente da mesma comissão, o illustre architecto sr. Ventura Terra para que, no menor praso possivel, apresente uma nota de tudo quanto seja preciso fazer-se nos nossos monumentos, a fim de se estudar um plano de ataque methodico, que vise á sua salvaguarda e conservação:—em vista do exposto é de esperar que o bello monumento de Leça do Bailio, dentro em pouco tempo receba os melhoramentos e cuidados que merece, que o meu bom amigo tão patrioticamente deseja, e que o paiz exige, para que desapareçam as justificadas reclamações de naturais e estrangeiros.

Desculpe-me, meu bom amigo, a longa e atabalhoada resposta á sua interessante carta, mas o assunto é interessantissimo e eu não me dispenso de voltar a elle logo que o tempo m'o permitta, e, ficando hoje por aqui, só tenho a felicitar-me pelo grato ensejo que a sua carta me proporcionou, não só de me permitir divagar sobre um assunto tanto da minha predilecção, mais ainda de constatar mais uma vez os primores da sua bela alma de patriota eximio e de portuguez de lei.

Com um grande abraço, creia-me seu devotado amigo e admirador sincero

ROSENDO CARVALHEIRA.

Dôis inéditos ácêrca das Ilhas do Fayal, Pico, Flôres e Côrvo

(Continuado da pag. 403)

Capitulo da discripção da Ilha do Fayal

A Ilha do Fayal, que tomou o nome do que n'ella havia que de terra a terra está sete léguas da Ilha de S. Jorge para a parte do sul e é quasi redonda: e ainda que sua môr compridão da Ponta de Espalamaca até o Capello quasi leste a oeste seja de cinco léguas; indo de leste a oeste da Ribeirinha até o mesmo Capello, terá de comprido as mesmas cinco léguas e de largo tres do norte ao sul, e por algumas partes duas; sua compridão é de leste a oeste da ponta da Ribeirinha, freguezia da Praia do Almo-xarife que está a leste até outra ponta já dita que se chama o Capello que está entre a Praia do Norte e Castello Branco a oeste.

Da ponta da Ribeirinha, a légua e meia, indo pela banda do sul, ficando no meio uma freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, no logar da Ribeira do Pedro Miguel, de sessenta e tres fogos, e almas de confissão duzentas e sessenta e oito, das quaes são de communhão cento e oitenta e uma, tem um vigario e um thesou-reiro, está a Praia do Almo-xarife que é freguezia da advocação de Nossa Senhora da Graça e tem trinta e cinco fogos, e almas de confissão cento e dezoito das quaes são de communhão oitenta e cinco; tem um vigario e um thesou-reiro; em que ha um areal onde algumas vezes podem desembarcar barcos com gente; tem um forte em que estava e pôde estar artilharia, muito bom que mandou fazer Gomes de Lima Pacheco ⁽¹⁾ no tempo das alterações, que foi provedor das fortificações, como adiante direi; tem um poço da melhor agua que ha em toda a Ilha de que bebem os freguezes, cujo local mandou conservar o desembargador Fernão de Pina Marecos quando veio com desembargo a esta Ilha e outro poço está da mesma agua no quintal do vigario.

(1) Aliás Gômes Pachêco de Lima.

Junto a esta freguezia faz a terra uma ponta ao mar alta a que os flamengos puzeram nome de *Espalamaca* que em sua lingua quer dizer ponta d'agulha ou alfinete; n'ella está um jardim de larangeiras e horta que fez Jos Dutra da Terra, flamengo, sogro de Antonio de Brum da Silveira, dos primeiros que vieram à Ilha (1).

D'esta Praia subindo por uma ladeira acima espaço quasi de meia legua para o poente está a Villa principal da Ilha que se chama Villa d'Orta porque não ha quintal nenhum que a não tenha (2) e todas as casas dentro ou fóra tem poço d'agua com que as régam e muitas d'ellas tem dois poços: à entrada está uma Ermida de Nossa Senhora da Conceição, que agora é freguezia, pegada com uma ribeira que vem de riba das serras com que algumas vezes se alaga quando traz grande enchente: para o qual tempo tem uma ponte de pedra por onde passam para a Villa; tem alguns moinhos que móem com a enchente e ao longo d'ella estão plantadas larangeiras: vai ter ao mar junto ao qual faz uma lagoa em um areal: à porta da Igreja está arvorada uma cruz de pau coberta de chapas de ferro e ao pé de degraos de pedra que se mandou fazer a um homem por penitencia que lhe deu a justiça ecclesiastica.

Tem esta freguezia da Conceição a Igreja de tres naves postas sobre cinco columnas de cada banda sobre as quaes está assentada a madeira do tecto com uma capella ao lado direito: ha n'ella cento e oito fogos, e almas de confissão trezentas e quarenta, das quaes são de comunhão duzentas e sessenta e oito: tem um vigario e um thesoureiro.

Entrando pela Villa ao longo do mar está um pedaço d'ella que se chama Villa Velha porque n'aquelle logar se começou primeiro a povoar, e agora está muito desbaratada por causa do mar e areas que a derrubam.

(1) José da Terra (Josse van Aard ou Aertrijcke) e não *José Dutra da Terra*. José da Terra foi efetivamente sogro de Antonio de Brum, que casou com Bárbara da Silveira, filha de aquêle. António de Brum da Silveira éra neto de José da Terra, por sêr filho dos referidos António de Brum e Bárbara da Silveira.

(2) Não é ezáto: o nôme da então Vila e ôje cidade fôï *Hurtere*, do apelido do 1.º donatário Josse van Hurtere, a que Frutuôso chama Jos d'Utra.

Tem esta Villa, em um alto, a Egreja principal da advocação do Salvador, muito fresca, de tres naves com seis columnas, por cada banda: ha n'esta freguezia trezentos e vinte e um fogos, e almas de confissão mil e cento e trinta e uma das quaes são de comunhão setecentos e trinta e uma; ha n'ella um vigario com cinco beneficiados, um cura e um thesoureiro e tem ordenado para um prégador. Junto da Egreja grande está um Mosteiro de freiras da ordem de Santa Clara, da advocação de S. Gonsalo (1), onde residem vinte e cinco religiosas entre professas e noviças, que fundou e cujo padroeiro foi Diogo Rodrigues, *o cavalleiro*, filho de Paulo Rodrigues, alemão, o qual Diogo Rodrigues foi fronteiro em Arzilla aonde casou e teve dois filhos clérigos e metteu ali as filhas freiras: no meio da Villa está a Casa da Misericordia com seu hospital e mais de vinte moios de renda, e logo uma ermida que se chama Nossa Senhora da Beata, pegada com as casas do Capitão e outra de S. Thiago; mais adiante pela rua, dois tiros de besta, está um Mosteiro de S. Francisco, o qual dizem que foi situado tres vezes: a primeira na Praia do Almojarife: a segunda em Porto Pim em um monte que tem uma cova chamada cova do frade; a terceira onde elle agora está: é casa que pôde sustentar doze religiosos de missa e ordinariamente residem n'ella sete ou oito: abaixo, ao longo do mar, onde sae a porta do Mosteiro para elle pescam os religiosos com seus caniços, e antigamente estava ali uma Ermida de Nossa Senhora da Piedade que o mar levou a qual tinha uma escada para o areal por onde entrava a ella gente da Villa: abaixo da qual Ermida ao longo do mar iam carros carregados com trigo e agora é costa brava e quando o mar anda furioso entra na horta dos religiosos com o vento sueste e lessueste: d'esta Ermida que o mar desfez levou tambem a imagem de Nossa Senhora que andou sobre as ondas muitos dias, sem a poderem achar; e depois se achou em um serrado pegado com Nossa Senhora da Conceição maltratada e quebrada, a qual renováram mas ainda se enxerga o maltratamento da tormenta. Está em uma capella que depois se fez no Mosteiro de S. Francisco da propria advocação da Piedade.

(1) Aliás S. João.

Ha n'esta Villa muita gente nobre: os da geração de Jos d'Utra, Capitão, e de Guilherme da Silveira, e de Jos da Terra e dos Alvernazes, que são africanos, e Pereiras, Brandões, Fialhos, Mellos, Escobares, Evangelhos, Carvalhos e Peixotos, Sarmentos, que procedem de Ponte de Lima.

Para diante logo alem do Mosteiro de S. Francisco, vai correndo um areal muito grande e quasi de quarto de légua que chamam o Porto Novo, onde carregam navios de trigo e de tudo o que mais ha na terra.

Adiante para o occidente está um porto chamado de Santa Cruz por ter uma Ermida d'esta advocação: e para a banda do mar que é rocha talhada um pico queimado, onde estava uma cruz arvorada. Defronte d'este porto de Santa Cruz está um ilhéu pequeno, um tiro de bésta ao mar apartado da terra onde no verão se criam alguns garajãos e pombas: alem d'este monte está outro areal pequeno em que podem desembarcar barcos, no qual se começa o monte de Porto Pim onde semeam trigo, aboboras e melões e ha d'elle descida ao mar por algumas partes: e da banda do pico está uma rocha que se chama a Bahia do Demo, e dando volta faz uma enseada onde vão por terra e por mar apanhar muitas cracas e outros mariscos.

Dando volta para o Porto Pim á banda de oeste se faz uma grande enseada que se chama Porto Pim, onde antigamente foi ter uma nau da India, que se descarregou e carregou, por ser bom porto, o melhor que ha nas Ilhas senão com tempo sudoeste que o lava todo porque então é muito perigoso, e se perdem muitas naus e navios se estão dentro só com este vento, mas com todos os mais estão seguros n'elle e este é o porto principal de Villa d'Orta que está junto d'ella da banda de sueste; e á entrada tem uma pedra junto da Furna dos Enxarcos, que é perigosa; e mais para dentro uma furna, onde vão barcos pescar de noite, e tomam alguns peixes escolares e outro muito pescado. Em cima d'este monte do Porto Pim estão tres cruces, onde vão fazer oração ás sextas feiras e por todas as cruces está uma pequena fonte da qual os, que ali vão bebem; defronte da Ermida de Santa Cruz está um pico no qual dizem foi primeiro situada a Villa dos primeiros povoadores que entraram na Ilha.

N'este Porto Pim se começou a fazer um caes, que não houve

effeito, onde ainda está muita pedra, afóra outra que d'ahi saiu para S. Francisco e outras obras, e agora está todo cercado de muro e fechado com uma porta o dito Porto Pim que se cercou no tempo das alterações sendo Provedor das fortificações da dita Ilha Gomes Pacheco de Lima, que o fez cercar; de Santa Cruz para dentro da terra, dois tiros de bésta, está uma Ermida de Santa Barbara de muita romagem.

Para diante indo a oeste, ao longo do mar, perto de Porto Pim em costa rasa se faz uma ponta de terra pequena que se chama Ponta Furada, pela qual passa o mar de uma banda á outra, e adiante um quarto de meia legua está uma freguezia que se chama a Feiteria da advocação do Espirito Santo: tem a Egreja tres naves, com cinco columnas sobre as quaes está a armação de madeira e tecto e duas capellas dos lados direito e esquerdo: ha n'ella noventa fogos, e almas de confissão trezentas e trinta e duas, das quaes são de comunhão duzentas e cincoenta: tem um vigario e um thesoureiro, e por ser antiga esta confraria d'esta Egreja e rica, ha bandos sobre ella n'este povo: mas a que tem do Santo Sacramento é a mais rica da Ilha, e adiante, perto de um quarto de legua, está uma Ermida de S. Pedro, de muita romagem e tem um baluarte no portinho d'ella onde váram barcos, que mandou fazer o Provedor Gomes Pacheco de Lima, no tempo das alterações. Mais adiante perto de uma legua está outra freguezia, de Santa Catarina de Castello Branco, de tres naves sobre cinco columnas, onde ha cento e vinte fogos, e almas de confissão trezentas e cincoenta, das quaes são de comunhão duzentas e sessenta e oito; tem um vigario e um thesoureiro e da Villa até aqui é terra rasa.

Adiante d'esta freguezia pouco espaço para a banda do sudoeste, ao longo do mar, está uma ponta a elle, com um pico alto, que se chama Castello Branco, porque o fez ali a natureza de pedra de altura de dois castellos dos mais altos que ha em Espanha e todo quadrado em cima: tem quantidade de dois ou tres moios de terra que se póde cavar e semear, que dão trigo, centeio e cevada, junça e aboboras, sem ter mais que uma serventia na quadra da banda da terra, muita estreita, e da banda do mar batem as ondas n'elle, o qual, se vê de duas e de trez léguas, principalmente dos que se puzérem ao longo do mar ou da costa por razão da sua

grande altura, e ali se faz um porto onde vão ter algumas caravelas e desembarcar barcos e havendo vinhos, como estão algumas vinhas principaes, se póde carregar n'elle: mas a causa de não haver vinhas na Ilha, sendo a terra muito boa para isso, é de não se darem os moradores a plantal-as, e essas que principiaram destruiram alguns coelhos e gados e furtavam: chama-se este praso d'esta freguezia *Camara de Lobos* do qual a um tiro de arcabuz sae uma ponta rasa ao mar que se chama de Santa Catarina.

Mais adiante de Castello Branco para o noroeste entre uma bahia grande de calhau e rocha talhada, que não tem serventia e correndo a costa para o nor-noroeste do mesmo Castello Branco até perto de uma légua, está uma bahia que se chama a Ribeira do Cabo, que é secca, sem correr senão de enchente, onde váram bateis e d'ali para o norte, obra de um tiro de bombarda, bóta umas pontas ao mar rasas, onde está o Pesqueiro do Tilme, e mais avante, légua e meia para o norte, estão outras pontas rasas, que se chamam o Pesqueiro Longo e d'ahi, um tiro de arcabuz, estão dois ilheus ao mar pequenos e alvos, sic, altos affastados da terra um tiro de besta, que se chamam os alvos annos (sic) e tambem o Capello, chamado assim por no cume em cima sempre trazer nevoa, e ao pé do qual está uma formosa fonte, que é o cabo da compridão da Ilha da parte do poente, porque d'aqui já faz valda a terra pela banda do norte: cujos moradores são freguezes de um lugar que adiante está, chamado Praia do Norte, do qual para o norte e quarta do nordeste, quantidade de légua e meia, pela costa toda, de rocha talhada, está uma bahia grande, de quarto de légua de comprido, de areia com uma fonte de agua na entrada d'ella que corre ao mar onde algumas vezes no verão váram barcos que se chama a Praia do Norte, freguezia da invocação da Trindade, de quarenta e dois fogos, e cento e quarenta e nove almas das quaes são de comunhão cento e quinze: tem um vigario e um thesoureiro na Praia e na Fajã.

Da Praia do Norte, a pouco menos de duas leguas da costa, de alta rocha, com um cotovêllo ao mar está uma freguezia de Santa Barbara, que se chama dos Cedros, mais principal lugar da Ilha, tirando a Villa d'Orta, que está situada na terra, tão longe da rocha, como um quarto de legua: onde ha muita gente nobre: tem fontes d'agua de que bebem; e uma ponta ao mar defronte da

freguezia que se chama o Guindaste onde carregam cousas de mão, mas não vão carros abaixo, senão até o longo da rocha e até á borda, e d'ali as levam ás costas: é Igreja de tres naves, sobre cinco columnas, com uma capella ao lado esquerdo: ha n'este logar dos Cedros cento e cincoenta e seis fogos, e almas de confissão seiscentas e vinte e nove das quaes são de comunhão quatrocentas e sessenta e uma. Tem um beneficiado coadjutor de vigario.

Correndo a costa para diante vai fazendo uma bahia de meia legua, na ponta da qual está um pesqueiro chamado de Sebastião Nunes, aonde descem por passos perigosos por rocha muito alta, e na mesma altura corre até chegar à ponta da Ribeirinha, que é outra ponta da Ilha da banda do oriente onde estão dois ilheus no mar que se chamam Ilheus da Ribeirinha perto da terra: e logo a ribeira de enchente chamada a Ribeirinha que vai fazendo uma bahia pequena até à freguezia da Praia, onde está um pesqueiro na ponta que se chama de João Dias e no meio d'esta bahia que será uma legua e meia está outro pesqueiro chamado Barba Feita e defronte da freguezia da Praia um porto de areia entre uns penedos da largura de um tiro de pedra chamado o Porto das Canas: e alem, um tiro de bésta, uma ribeira de enchente, que se chama a Ribeira da Praia de Almoxarife, que é de areia e grande bahia toda limpa onde váram bateis algumas vezes: e d'ali para diante está uma ponta grossa que sae ao mar mais que toda a terra chamada a Ponta de Espalamaca (como já tenho dito), em que se começa a compridão da Ilha da parte do oriente.

Pelo meio da Ilha, saindo da Villa d'Orta, indo para a Ribeira dos Flamengos, está uma Ermida nova de Santo Amaro com uns casaes onde se acha o Farrobo: e adiante para o occidente está uma freguezia chamada a Ribeira dos Flamengos, de invocação da Nossa Senhora da Luz, de sessenta e sete fogos, e almas de confissão duzentas e trinta e seis, das quaes são de comunhão cento e oitenta e uma: têm um vigario e um thesoureiro, tem uma igreja de trez naves sobre cinco columnas, grande e bemfeita, que antigamente situaram os flamengos; onde ha muitas fructas e algumas fontes e por esta ribeira abaixo do Farrobo, que está junto d'ella para mais perto da Villa d'Orta se faz um salto muito alto, onde dizem que antigamente caíu um frade; ou uma visão sua apparencia (sic).

Esta Ilha no meio é muito alta na serra e mato e quasi no meio da Ilha, de Villa d'Orta uma légua e meia para a parte do noroeste, tem uma caldeira feita pela natureza, ou em algum incendio que para ali arrebentou com atorno (sic) que terá uma legua em redondo e meia de altura á qual não descem senão por um carreiro estreito a pique para baixo em forma de alguidar, cujo terreo (sic) e pé dentro se reparte em tres partes: uma de mato e bosques muito delectosos; outro de herva muito mimosa e prado ameno e muito chão; outro terceiro fundo tem uma lagôa d'agua de largura de um quarto de legua ao longo da qual estão sete montes ou outeiros pequenos cheios todos de arvoredos, onde andam muitos passaros, canarios, melros e toutinegras e outros muitos d'outras especies que fazem grande harmonia: e gado vaccum, cabrum e ovelhum de diversos donos de toda a Ilha, todo misturado, que se ajunta no tempo da tosquia, em um curral, onde cada um ferra e assigna o seu de seu signal: e cólhe-se d'esta Ilha muito trigo e pastel por a maior parte d'ella ser lavradia: tem pouco vinho por não haver senão muito poucas vinhas de novo plantadas: em toda ella não ha ribeira alguma corrente, excepto a Ribeira dos Flamengos, mas bebem de fontes e poços que tem: mais da metade d'ella está cheia de mato e arvoredos baixos: são as arvores cedros, zimbro, folhado, louro, sanguinho, tamujo e romania que dá umas uvas pretas como mortinhos, que chamam *uvas da serra*, que muitas pessoas comem por terem o gosto agro e aprasivel: tem muitas atafonas em que móem pão: e no inverno usam de moinhos que móem com agua de chuva: ha n'ella muitas gallinhas grandes e muita caça, a saber: coelhos, codornizes, pombas torcazes, pombos e melros: tem muita junça e pouca cevada, não por culpa da terra, mas por a não plantarem n'ella.

A Villa tem seu prégador com ordenado de vinte mil réis em dinheiro, e dois moios de trigo que paga El-Rei e seu vigario e cura e cinco beneficiados e outros logares tambem estão providos de ministros.

Ha em toda a Ilha muita gente nobre de diversos e honrosos appellidos; tem bom mulheroio e as mais das mulheres tem em suas casas oratorios por serem muito devotas e virtuosas.

Continúa.

A. FERREIRA DE SERPA.

ACTA N.º 72

Sessão de Assembleia Geral de 6 de Maio de 1912

PRESIDENTE — Mattos Sequeira.

SECRETARIO — Nogueira de Brito.

» — Jacintho d'A. Albuquerque de Bettencourt.

No edificio historico do Carmo, pelas 9 ¹/₂ horas da noite, reuniu-se em sessão de estudo esta Associação, estando presentes, além da mesa, os dignos socios effectivos srs. J. Rodrigues Fernandes, dr. Felix Alves Pereira, D. José Pessanha, Luiz de Albuquerque Bettencourt, A. de Gusmão Navarro, Affonso Dornellas, José Queiroz, J. A. Ganhado, S. Silva Leal, E. da Rocha Dias, Ernesto da Silva, A. C. Mena Junior, J. Ferreira Braga, A. R. Adães Bermudes e F. S. O' Sulivand.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente, que constava de :

1.º — Uma carta do nosso consocio sr. Visconde de Castilho agradecendo o voto de sentimento desta Associação pela morte do Almirante Castilho.

2.º — Um officio da Sociedade Martins Sarmento agradecendo o voto de sentimento pelo fallecimento do rev. João Gomes d'Oliveira Guimarães (Abbade de Tagilde).

Seguidamente discutiu-se se sim ou não deve continuar a inserir-se no nosso Boletim a declaração de que a responsabilidade dos respectivos escriptos só pertence aos seus auctores. Esta discussão em que entraram quasi todos os presentes, terminou por resolver-se que se dispensasse tal declaração, pelas razões que fundamentam o officio em que esta resolução é communicada á digna e zelosa Commissão Redactora, e cuja copia fica appensa ao expediente desta sessão.

Votaram contra esta resolução, os srs. D. José Pessanha e Rocha Dias.

O signatario desta acta, em nome do sr. Rodrigues Fernandes, que teve necessidade de se ausentar, communica que o sr. engenheiro industrial Silva Pinto poz á disposição desta Associação,

para o seu Museu, varios capiteis e outras pedras com ornatos, que teem apparecido nas demolições da antiga escola medica de Lisboa.

A Assembleia resolveu que fossem encarregados de ir vêr se taes objectos podem figurar no nosso Museu, os respectivos conservadores, dignos socios srs. José Queiroz, Mena Junior e dr. Felix Alves Pereira.

Foi presente na mesa, com dedicatória do seu auctor, offerecendo-o á Associação, o livro do nosso consocio sr. Victor Ribeiro = «A fundadora da egreja do collegio de Santo Antão e a sua sepultura.» =

A assembleia resolve incluir nesta acta um voto de sincero agradecimento ao seu prestante consocio sr. Victor Ribeiro.

Passou se á 1.^a parte da ordem da noite — Reconstituição documental de Lisboa antiga.

E' presente na mesa uma collecção de photographias, em bilhetes postaes, de varios trechos do bairro de Alfama, que a Direcção mandou adquirir, e que depois de examinados foram entregues ao nosso consocio sr. Silva Leal, para as fazer arrecadar.

O sr. Mena Junior offerece, em nome do desenhador de 2.^a classe sr. José Arthur Barcia, uma bella photographia, executada por este senhor, reproduzindo uma casa, genuinamente caracteristica, do referido bairro.

A assembleia resolve lançar nesta acta um voto de agradecimento ao sr. Barcia, pela deferencia da sua gentil offerta, que foi muito apreciada e que depois teve igual destino.

O sr. José Queiroz chama a attenção desta collectividade para o facto que elle tem observado de nada se fazer que saneie e embellese o velho bairro de Alfama, e estar-se escangalhando a maioria das fachadas caracteristicas, nada introduzindo nessas reconstrucções, além do abastardamento daquelle genero de edificações, que a serem substituidas, apenas se admittiria que o fossem por hygienicas habitações, que se construiriam depois de arrazado o bairro e n'elle fazer penetrar o ar e a luz necessarias á hygiene, conveniente ás modernas cidades europeias.

O sr. Bermudes, dissertando larga e interessantemente sobre a transformação que devem soffrer os velhos bairros das cidades, diz que ella se pode e deve fazer conciliando tanto quanto possivel

os preceitos elementares de saneamento, com a conservação de tal ou tal pedaço, que pela sua construcção, artistica ou archeologica, mereça ser admirado.

O sr. O' Sulivand communica que o nosso consocio sr. J. A. Soares, architecto da camara municipal, tem tido o cuidado de fazer photographar todos os edificios de Alfama, antes da demolição ou transformação delles.

O sr. Ganhado diz que não crê que tal saneamento seja possível, no bairro de Alfama, pois que para o pôr em execução necessario é gastar muito dinheiro, que infelizmente não está nos recursos municipaes, e por isso é de parecer que o citado bairro se deve conservar tal como está, mas em condições salubres.

O sr. Bermudes volta novamente a fallar proficientemente, concluindo por submetter á approvação da Assembleia o voto seguinte: = que a Associação se interesse por que sejam criadas junto de todas as camaras municipaes commissões de esthetica, compostas de criticos d'arte, archeologos e artistas, a fim de emitirem o seu parecer sempre que houvesse necessidade de fazer expropriações, de modo a poder conciliar o progresso com a Arte e Archeologia.

O sr. D. José Pessanha, que se alarga em considerações judiciosas, formula a seguinte proposta:

1.^o — Que a assembleia lance na sua acta um voto de homenagem ao consocio sr. Visconde de Castilho, ao começar a tratar-se de Lisbôa Antiga, pelos proficientes e interessantissimos trabalhos deste senhor, sobre o assumpto;

2.^o — Que a assembleia approve o voto proposto pelo sr. Bermudes, que certamente traduz o sentir de todos os presentes;

3.^o — Que se officie á commissão de Esthetica Municipal, de Lisboa, no sentido manifestado pelos srs. Queiroz e Bermudes, sobre o bairro de Alfama; (a copia deste officio está appensa ao expediente desta sessão);

4.^o — Que se adquiram exemplares de todas as photographias que o sr. J. Alexandre Soares tem feito tirar e mais daquellas, mais antigas, que existem no archivo municipal.

5.^o — Que a Associação inicie em breve algumas visitas a varios pontos da cidade, que ainda encerram vestigios da antiga Lisboa.

Esta proposta é unanimemente approvada pela Assembleia.

O sr. Presidente propõe tambem, e é approvado, que se encete nesta Associação uma série de conferencias sobre os pontos das visitas feitas nas excursões propostas pelo sr. D. José Pessanha.

Pelo adeantado da hora, 11 horas e 45, o sr. Presidente, marcando a proxima sessão para segunda feira 13, com a continuação desta ordem da noite, encerrou esta.

Servindo de Secretario,

JACINTHO D'A. A. DE BETTENCOURT.

Vice-Secretario

ACTA N.º 73

Sessão de Assembleia Geral de 13 de Maio de 1912.

PRESIDENTE — Mattos Sequeira.

SECRETARIO — F. Nogueira de Brito.

» — Jacintho d'A. A. de Bettencourt.

Pelas 9 ¹/₂ da noite de 13, reuniu-se esta Associação, estando presentes além da mesa, os socios effectivos, srs. J. Rodrigues Fernandes, J. A. Ganhado, Silva Leal, A. C. Mêna Junior, D. José Pessanha, José Queiroz, Luiz Filippe d'Albuquerque Bettencourt e Affonso de Dornellas Cysneiros, tendo este ultimo justificado a falta do sr. Gusmão Navarro e o penultimo as dos srs. major Santos Ferreira e Rosendo Carvalheira.

Lida e approvada, com ligeiras alterações, a acta da sessão anterior, leu se o expediente que constava de um officio do Conselho de Arte e Archeologia do Porto, em resposta ao que lhe dirigimos e um outro da Commissão Redactora do Boletim, em resposta ao que lhe foi dirigido, por resolução da ultima assembleia, pedindo pura e simplesmente a sua demissão collectiva.

O signatario desta acta, antes da leitura deste ultimo officio, leu a copia daquelle que, em nome da assembleia dirigiu á Com-

missão Redactora, officio que foi elogiado, pela sua fórma attenciosa.

Tem a palavra o sr. Ganhado, que pede, sendo assim resolvido que se não discuta a resposta da Commissão Redactora nesta sessão, esperando se para uma outra, a que esteja presidindo o sr. Rosendo Carvalheira e a que assista maior numero de socios.

Pede a palavra o sr. José Queiroz que se refere á missão de que, com o sr. Mena e o sr. dr. F. Alves Pereira, foi encarregado pela última assembleia, dizendo que visitaram o edificio da antiga Escola Medica, onde encontraram varios capiteis e trechos de columnas corinthias, os quaes como objectos d'Arte não lhes parecem terem grande importancia, mas que tencionam lá voltar para melhor ver o que por lá ha e depois informarão do que apurarem.

Seguidamente entra-se na ordem da noite, tendo primeiro a palavra o sr. Ganhado, que lê a proposta que manda para a mesa e que fica appensa ao expediente desta sessão.

Esta proposta, que é precedida duma justificação muito criteriosa, resume-se no seguinte :

1.º — Que seja creada uma nova secção, denominada de «Archeologia Lisbonense» ;

2.º — Que para a presidencia de honra desta nova secção seja nomeado o sr Visconde de Castilho.

3.º — Que esta nova secção se considere desde já constituida do modo seguinte : presidente, José Queiroz ; secretario, Mattos Sequeira ; vogaes, Ascensão Valdez, D. José Pessanha, F. S. O' Sulivand, A. C. Mena Junior, Victor Ribeiro e o auctor da proposta, Ganhado, bem como qualquer outro consocio que se queira dedicar ao estudo em questão, de tão momentosa urgencia.

O sr. D. José Pessanha diz que dá o seu voto á proposta do sr. Ganhado e propõe que se iniciem os trabalhos por uma conferencia para a qual fosse convidado o nosso consocio sr. dr. Leite de Vasconcellos, sobre «Lisboa romana» e que a secção de que este senhor é presidente, «secção de archeologia romana», fosse convidada a iniciar os seus trabalhos sobre Lisboa.

Uma e outra propostas foram approvadas, resolvendo-se que se officie, no sentido proposto, ao nosso eminente consocio dr. Leite de Vasconcellos

O sr. Queiroz propoz e foi approvedo, que os estudos sobre Lisboa se dividam em 5 periodos, a saber; 1.º Lisboa romana; 2.º Lisboa medieval; 3.º Lisboa da renascença; 4.º Lisboa da decadencia (seculo xvii) e 5.º Lisboa seculo xviii.

O sr. Dornellas diz que o capitão de engenharia sr. Vieira da Silva o encarregou de communicar que está disposto a offerecer para a nossa Bibliotheca os livros de que é auctor, sobre Lisboa; aproveita o estar com a palavra para pedir que a Associação se interesse por que seja levantada a planta do ex-convento das Francezinhas, antes da sua demolição.

O sr. D. José Pessanha propoz, e foi approvedo, que se officie ao Conselho de Arte e Archeologia da 1.ª circumscripção, pedindo que a igreja do ex-convento das Francezinhas seja mantida, embora com outra applicação, e encorporada no edificio que alli se projecta construir.

Pelo adeantado da hora, encerrou-se a sessão ás 11 ³/₄ da noite.

Servindo de Secretario

JACINTHO D'A. A. DE BETTENCOURT.

Vice-Secretario

ACTA N.º 74

Sessão da Assembleia Geral de 31 de Julho de 1912

PRESIDENTE — Rosendo Carvalheira

SECRETARIO — F. Nogueira de Brito

» — Jacintho d'A. A. de Bettencourt

Pelas 9 ¹/₂ horas da noite de 31 de Julho de 1912, reuniu-se em Assembleia Geral esta Associação, estando presentes, além da mesa, os socios effectivos srs. Mattos Sequeira, José Queiroz, D. José Pessanha, O'Sulivand, Mena Junior, dr. Virgilio Correia Pinto da Fonseca, Ernesto da Silva e João R. Fernandes, tendo justificado as suas faltas, por escripto, os srs. Visconde da Torre da Murta e Felix da Costa, e por intermedio do secretario Bet-

tencourt, os srs. Major Santos Ferreira, Luiz Filippe de Bettencourt, A. de Gusmão Navarro e Affonso Dornellas.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente, que constava de:

« Uma carta do nosso consocio sr. dr. Leite de Vasconcellos, accedendo ao convite que lhe fizemos para fazer uma conferencia sobre « Lisboa Romana », mas só depois de outubro;

« Um officio do socio sr. Patrocinio Ribeiro, de Beja, agradecendo a sua eleição de socio;

« Um officio do Conselho de Arte e Archeologia da 2.^a circumscripção (Coimbra) accusando o que lhe dirigimos em 30 de Abril ultimo e communicando as diligencias que empregou no sentido de evitar a devastação da riqueza monumental do nosso paiz;

« Cópia de uma carta que em 22 de Junho o secretario Bettencourt dirigiu ao sr. Eugenio Vilella, a proposito de uma lapide romana existente em uma casa de que este sr. é proprietario, sita á Magdalena; resposta do sr. Vilella e copia da carta que em 28 de Junho, pelo mesmo secretario, foi dirigida ao referido sr. Vilella;

« Um convite da American Antiquarian Society, de Worcester, Massachussets, U. S. A., para que a Associação se faça representar na celebração do seu centenario, nos dia 15 e 16 do proximo outubro. »

Sobre este ultimo assumpto, foi resolvido officiar-se ao ministro portuguez em Washington, pedindo-lhe a honra de nos representar nas sessões e festas citadas.

Seguidamente entra-se na ordem da noite, que o sr. Presidente aclara, dizendo que no caso da demissão pedida pela Commissão redactora do Boletim, apenas houve um mal entendido, que de todo o modo urge desfazer. O sr. D. José Pessanha lê, manda para a mesa e largamente justifica, a seguinte moção:

« A Associação dos Archeologos Portuguezes reunida em Assembleia Geral:

« Considerando que a deliberação tomada em sessão de 6 de maio ultimo, de convidar a Commissão Redactora do Boletim a eliminar do frontespicio desta publicação a clausula de que a responsabilidade das opiniões expendidas nos artigos pertence ex-

clusivamente aos auctores foi tomada, aliás infundadamente, como censura, por aquelles amigos e dedicados consocios;

Considerando que são relevantissimos os serviços que lhe teem prestado os seus distinctos membros Eduardo Augusto da Rocha Dias, dr. Artur Lamas, e José Joaquim d'Ascensão Valdez;

« Considerando que não pode haver offensa onde não haja intenção offensiva e que na propria sessão de 6 de Maio, a Assembleia affirmou de modo inequivoco a sua confiança no criterio e na dedicação dos referidos socios, dando-lhes plenissimas attribuições censorias :

« Considerando que a declaração de que se trata, não só figura em muitas publicações associativas do Paiz e do estrangeiro e até nos estatutos de algumas collectividades, como representa um principio altamente salutar, que, isentando de responsabilidades a Associação, restringe as attribuições censorias da Comissão, inegavelmente as mais melindrosas e de mais ingrato exercicio, facilitando assim o desempenho do seu mandato, da aos socios mais ampla liberdade na manifestação das suas ideias;

Resolve:

« 1.º — Não aceitar a exoneração pedida pela Comissão Redactora do Boletim;

« 2.º — Manter nesta publicação a clausula ou declaração de que pertence aos auctores a responsabilidade das opiniões expendidas nos artigos, — certa, no entanto, de que este principio nunca terá de ser invocado para desviar responsabilidades que não sejam meramente scientificas. »

Esta moção, que foi admittida e na discussão da qual entraram varios socios, foi finalmen e aprovada por unanimidade de votos, com a declaração do sr. Nogueira de Brito que disse ter levantado esta discussão por ter julgado intempestiva a declaração citada e não porque a julgasse descabida no nosso Boletim.

Passando-se á eleição de Bibliothecario, cargo este vago pelo pedido de demissão feito pelo sr. Nogueira de Brito, o sr. Presidente interrompeu a sessão por 5 minutos, para a confecção das listas.

Reaberta, o secretario Bettencourt propoz que por aclamação fosse novamente eleito o sr. Nogueira de Brito; assim foi re-

solvido, tendo então o referido sr. dito que, agradecido, accitaria o logar de Bibliothecario, ao desempenho do qual daria todo o esforço e saber de que fosse capaz, se a assembleia lhe dêsse toda a força que lhe é marcada pelos estatutos, isentando-o de qualquer ingerencia estranha nos serviços da Bibliotheca.

O sr. Presidente, interpretando o sentir da Assembleia, assegurou-lhe que esta estava disposta a ter só um Bibliotecario, com toda a responsabilidade do seu cargo, mas tambem com toda a força de que necessitasse para o bom desempenho d'elle.

Lido na mesa o parecer favoravel da Direcção, sobre a candidatura a socio do sr. João Ribeiro Christino da Silva, foi este sr. admittido socio effectivo, por unanimidade de votos.

Offereceram livros seus para a nossa bibliotheca, os srs Bacam e Dr. A. Ansur, respectivamente por intermedio do srs. O' Sulivand e Presidente Carvalheira.

O sr. Nogueira de Brito pede a palavra para se referir a um assumpto de grande importancia no actual momento. Falla com palavras encomiasticas do sr. Dr. Julio Dantas, novo inspector das bibliothecas eruditas e archivos, cuja acção benéfica se está já a fazer sentir, na salvaguarda de valiosas obras dispersas, quer por emprestimos, quer por sitios onde a sua conservação é pouco cuidada, ou ainda de difficil accesso para consulta.

Propõe, portanto, e é approvado por aclamação, um voto de louvor ao sr. Dr. Julio Dantas, que por tal modo se tem evidenciado um digno continuador da obra do saudoso consocio Gabriel Pereira, e que, ainda ha pouco, tendo occasião de fallar a proposito da bibliotheca de Mafra, se referiu, com palavras de louvor e justo apreço, ás obras offerecidas ao nosso falecido Presidente Honorario El-Rei o Sr. D. Carlos, pelo erudito e saudoso fundador da Associação dos Archeologos, o sr. Possidonio da Silva.

Nesta mesma ordem de ideias, fallam os srs. Presidente, O' Sulivand, Ernesto da Silva e Jacintho de Bettencourt, que corrobora as palavras de louvor dos oradores precedentes, lendo a correspondencia que, como secretario da Secção de Heraldica, com o sr. Dr. Julio Dantas, trocou, sobre os livros da antiga Mordomia-Mór da Casa Real, do extincto Cartorio da Nobreza do Reino, etc, etc, correspondencia esta, que teve, como resul-

tado immediato, a visita que S. Ex.^a fez ás dependencias do palacio das Necessidades, e as diligencias que está empregando para que, não só aquelles livros, mas muitos outros que na sua visita encontrou, sejam removidos, em breve, para a Bibliotheca Nacional de Lisboa ou para a Torre do Tombo, onde serão expostos á consulta, que ha perto de dois annos se não tem podido fazer.

O sr. Mattos Sequeira, que falla ainda no mesmo sentido, diz que será bom communicar ao sr. Dr. Dantas, que na antiga Delegacia do Thesouro, existem bastantes livros de muitos cartorios de conventos de Santarem e de Lisboa, cuja remoção para a Bibliotheca seria muito para desejar; diz mais que em Elvas, na Camara ecclesiastica, estão muitos documentos referentes á villa de Olivença, emquanto foi portuguesa, e que haveria toda a vantagem em solicitar do mesmo sr. Dr. Julio Dantas a sua valiosa interferencia para que fossem arrecadados na Bibliotheca de Lisbôa.

Antes de encerrar a sessão, o sr. Presidente congratula se pela presença do nosso consocio sr. Dr. Virgilio Correia Pinto da Fonseca, cuja boa vontade por tudo o que se prende com a archeologia, é penhor seguro de que a Associação terá nelle um collaborador muito apreciavel.

O sr. Dr. Virgilio C. P. da Fonseca agradece a todos a sua eleição e promete collaborar quanto em si couber nos trabalhos da Associação dos Archeologos Portuguezes.

O sr. Presidente encerrou a sessão ás 11 ¹/₂ da noite, dando assim por findos os trabalhos antes do começo das férias marcadas pelos estatutos.

Servindo de Secretario,

JACINTHO d'A. A. DE BETTENCOURT

Vice-Secretario